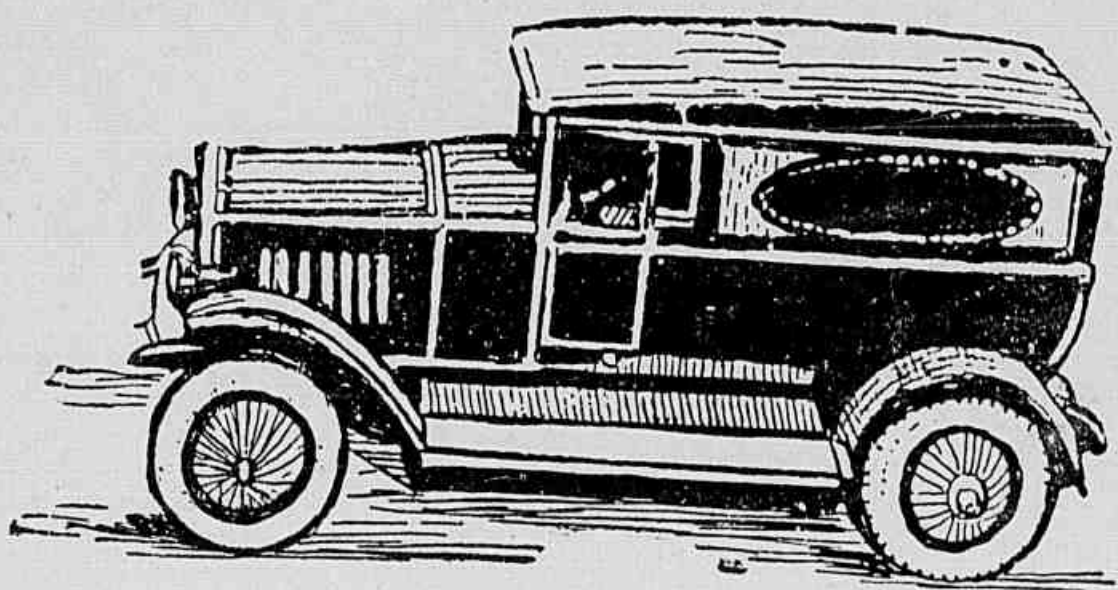
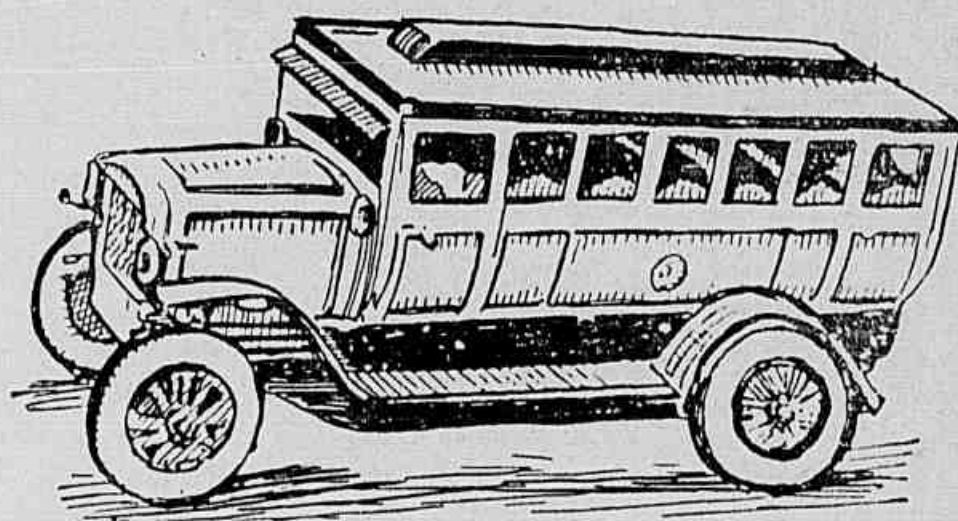
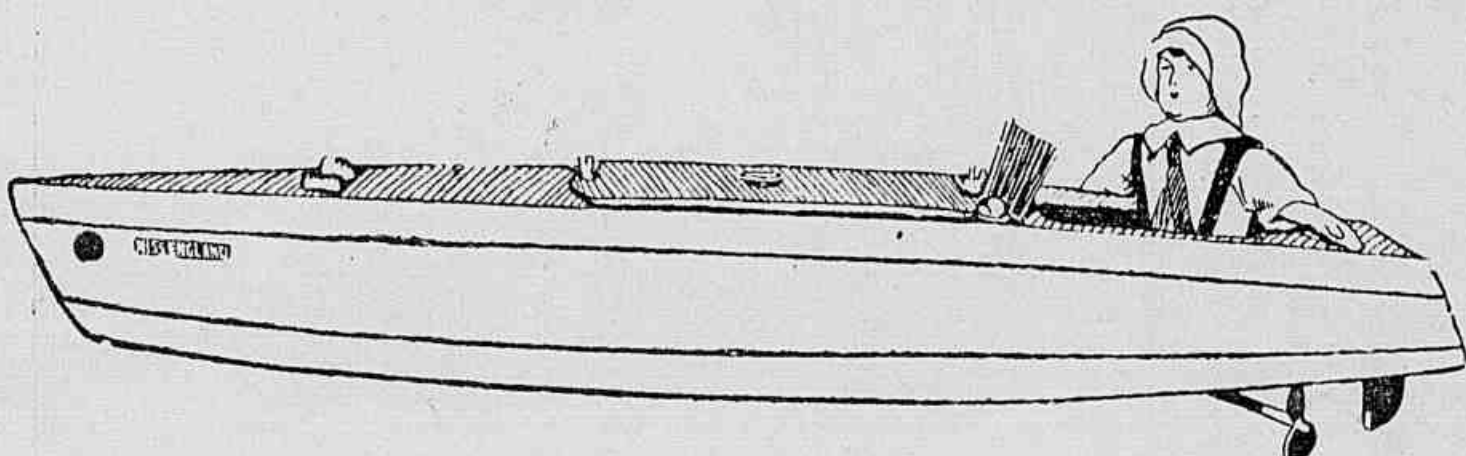
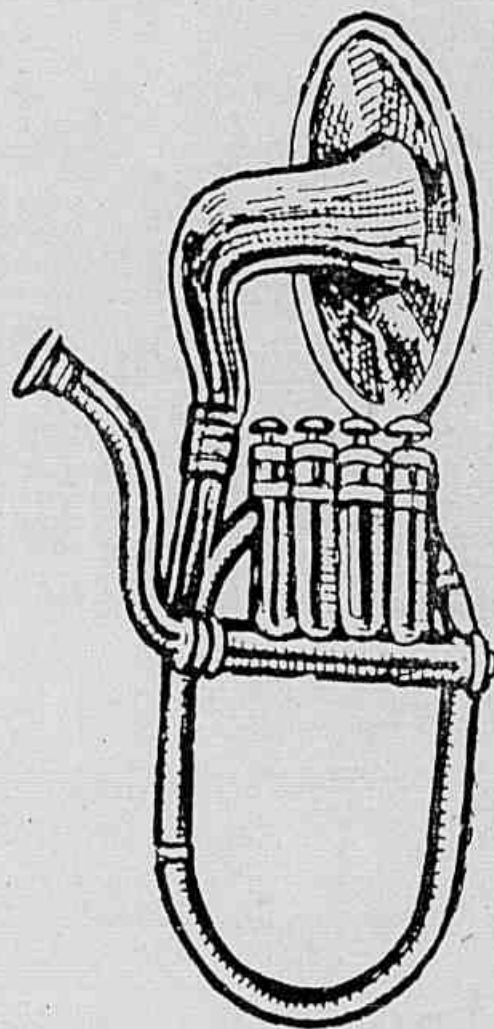
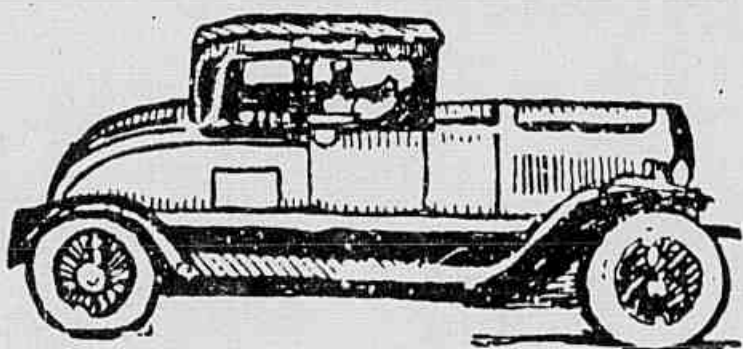
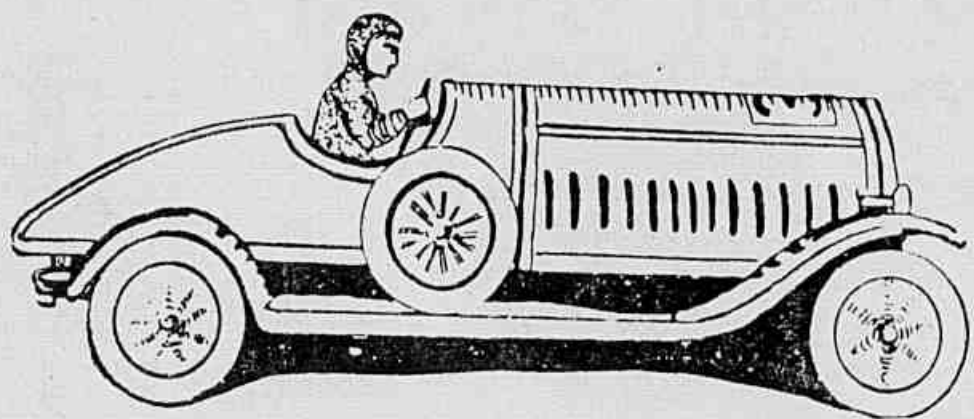
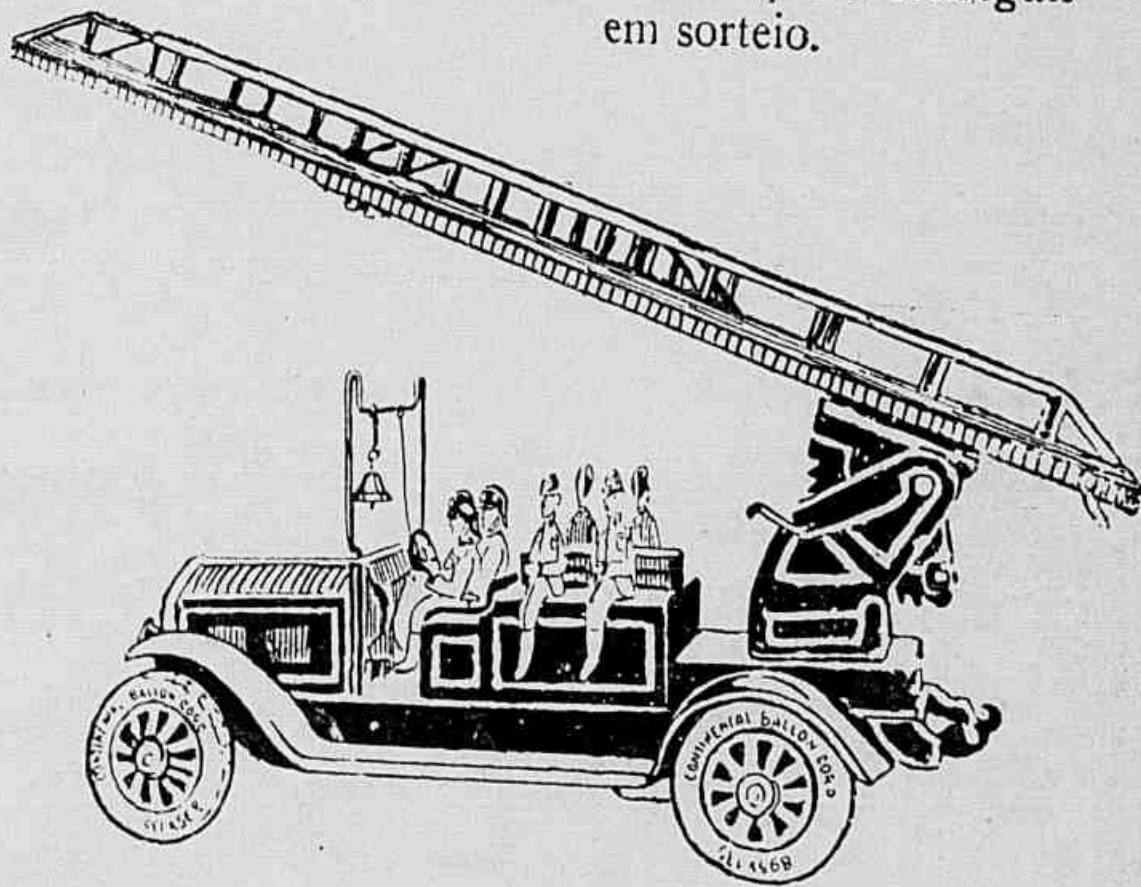
Cinearte

ANNO V N. 243
BRASIL, RIO DE JANEIRO, 22 DE OUTUBRO DE 1930
Preço para todo o Brasil 1$000

GRETA GARBO

Alguns dos ricos premios do Grande Concurso de Natal d'"O Tico-Tico"

Um grande e valioso auto-omnibus, ultimo modelo, com assentos e direcção.

Um custoso automovel, modelo superior e de alto valor, premio de real valor.

Grande barco-automovel, todo machinado, verdadeira obra prima da engenharia ingleza no genero. Este brinquedo é dos melhores e mais interessantes do Grande Concurso de Natal d'*O Tico-Tico.*

Uma valiosa tuba, instrumento musical nickelado, e de grande utilidade para o felizardo que o conseguir em sorteio.

Rica barata-automovel, com lanternas electricas e linhas elegantes de um carro moderno.

Rica barata-automovel para corridas, surprehendente brinquedo de alto valor.

Maravilhoso automovel de bombeiros, todo machinado e de grande valor.

UMA SCENA DO FILM BRASILEIRO, "LIMITE"

DESDE 1928 que com maior ou menor assiduidade nos Estados Unidos as companhias productoras lançam aos quatro ventos informações "positivas" acerca de haverem conseguido resolver o problema da terceira dimensão no Cinema. Isto é nada mais que a Cinematographia stereoscopica ou em relevo. Este grande passo para a suprema perfeição do Cinema não parece, entretanto, tão resolvido como se diz. A principio, era a Tiffany, a qual, dizendo-se detentora da invenção de dois suissos, iria "dentro de seis mezes" apresentar ao mundo maravilhado films de larga metragem com a terceira dimensão. Depois, a Fox, que chegou a exhibir certas provas interessantes, e, finalmente, a Metro, affirmando haver chegado á completa solução do problema. Até agora, porém, não tem passado de simples expectativas. O que a Tiffany dizia possuir, nunca apresentou; a Fox apresentou apenas vistas de um "relevo illusorio" em virtude de film de maior dimensão, e quanto á Metro, ainda nada se viu de realidade.

Na crescente controversia que ora vae agitando os circulos technicos considera-se impraticavel a idéa de applicar á Cinematographia os mesmos principios ou principios similares aos applicados á photographia stereoscopica. A razão, affirma-se, é simples. Cada ser humano tem dois olhos, separados um do outro por, approximadamente, um espaço de duas a tres e meia pollegadas. Segue-se, pois, que cada olho vê uma imagem differente ou dissimilar de cada objecto, comquanto este facto seja pouco conhecido a muita gente. O phenomeno póde ser demonstrado se collocarmos o indicador direito a poucas pollegadas do nariz, olhando-se firmemente para o dedo, com cada olho de per si, rapida e alternadamente. O dedo parece mover-se de um lado para outro. Mas não se move. O apparente movimento é devido ao facto de cada olho ver uma imagem separada, do seu respectivo ponto de vista. O cerebro, então, juxtapõe as duas imagens, dando-nos a impressão de um dedo apenas. Assim é na natureza e em toda a creação.

Este vital principio é a base da photographia stereoscopica, e parece ser desconhecido por centenas de inventores e patenteadores de idéas acerca da "Cinematographia stereoscopica" ou mais commummente — a terceira dimensão na téla.

A impossibilidade da terceira dimensão no cinema

(DE MARQUES HILL, CORRESPONDENTE DE "CINEARTE", EM NEW YORK)

O primeiro photographo — Daguerre, aproveitou-se desse facto elementar de physiologia para, em 1838, apresentar vistas stereoscopicas com o auxilio de machinas duplas. Leonardo da Vinci, tentou obter a terceira dimensão ou relevo na photographia, mas não foi bem succedido. De certo é necessario profundo conhecimento de sciencias naturaes, isto é, da optica e da chimica photographica, das leis da visão binocular, do aspecto mecanico da projecção, etc., para verificar-se a razão da impraticabilidade da terceira dimensão no Cinema, mesmo no presente estagio da sabedoria humana.

Desde que a celluloide flexivel, ou film, tornou possivel o Cinema, ha mais de quarenta annos, o material essencial tem estado á mão: machinas, lentes, recursos chimicos, projectores, etc. Os primeiros principios fundamentaes não têm mudado, mas resultado algum tem sido obtido. E segundo opiniões autorizadas, nunca serão obtidos. Na verdade não é difficil obter-se a Cinematographia stereoscopica. O difficil é a sua projecção na téla. Para a obter-se só é preciso duas machinas, uma para a imagem do olho direito e outra para a imagem do olho esquerdo, as machinas sendo operadas numa linha basica horizontal, com exposições synchronizadas simultaneaes.

O problema seguinte, porém, é insoluvel. Como se poderá obter a projecção de um positivo com a terceira dimensão? Mas ainda que isto fosse resolvido, outra difficuldade maior surgiria: a de se poder ver films binoculares de maneira a ter-se a sensação do relevo ou profundidade. Isto não póde ser feito só com os olhos, conforme já o havia demonstrado Daguerre. E se se usar oculos especiaes, abate-se tanta luz que o resultado é muito escuro para ser apreciado. Demais, seria praticamente impossivel fazer com que a assistencia de um Cinema estivesse a se preoccupar com instrumentos prismaticos exigidos theoricamente.

O film "Grandeur", da Fox, ou "magneto-films", de outras procedencias, apresentados com attributos da terceira dimensão, não resistem a uma analyse. O que se observa ahi é apenas maior campo de visão — num mesmo plano, sem profundidade alguma. A larga dimensão da vista accentua os contrastes entre a luz e a sombra, mas não produz relevo algum, facto este que é puramente uma funcção cerebral. Esta funcção póde ser ajudada com recursos extremos, tal como se observa no caso de myopia, no qual a vista deficiente é consideravelmente beneficiada com o uso de oculos especiaes. Os oculos fazem com que o cerebro receba uma imagem mais definida da scena ou objecto transmittido pelos olhos.

Nos ultimos vinte annos, alguns conceituados elementos da industria Cinematographica, taes como E. S. Porter, que fez "Monte Christo", a primeira fita do Sr. Zuckor, hoje chefe da Paramount; J. Stuart Blackton, da Vitagraph; George Kleine, de Chicago; George K. Spoor, tambem de Chicago, têm se esforçado com denodo pela terceira dimensão no Cinema, mas com resultados negativos.

Agora ouve-se dizer que H. M. Warner, E. W. Hammons, J. Schnitzer, Joe Brandt, Carl Laemmle, William Fox, e até o celebrado Will Hays, "czar" da industria, estão todos, por seus agentes de publicidade, a antecipar o surgir da Cinematographia stereoscopica, não em gabinetes de physica, mas em plena téla dos Cinemas.

E assim, uma vez mais, resta a esperança de ver em que param as modas acerca deste magno e debatido problema, na opinião de muitas autoridades já resolvido negativamente pelo grande Daguerre.

Cinema do Brasil

Os films produzidos em Pernambuco podem não ser os melhores, mas todos têm sido feitos com muita constancia e força de vontade e todos têm sido exhibidos. Mesmo que a sua exhibição se restrinja no Estado, já representa uma animação para os seus productores que assim, com actividade, vão melhorando sempre. Para os que vivem a propalar que o nosso Cinema vive apenas das photographias nas revistas, deve ser interessante saber que "No Scenario da vida", foi exhibido no Moderno de Recife.

Como se sabe, o film foi photographado por Edson Chagas, tem um argumento de Mario Mendonça e Jota Soares e a direcção de Luiz Maranhão. Nos principaes papeis estão Severino Coelho que se destacou bastante, dizem, no papel de villão, Claudio Celso, Mazyl Jurema e Nita Palmer.

Os trabalhos de machina de "Limite" já estão terminados. Mario Peixoto está agora cortando e preparando a primeira copia.

LELITA em "Labios Sem Beijos".

Paulo Morano e Lelita Rosa em "Labios Sem Beijos".

Almery...

Gloria Santos e Ernani Augusto em "Meu Primeiro Amor".

Maximo Serrano, Gonzaga, Carmen Santos, Leda Léa e Gilberto Souto.

DIDI....

ALICE WHITE
E SEU MARIDO
SIDNEY BARTLETT

Uma noite em Holly-wood.

Uma noite em Holly-wood.

O Que as Mulheres Querem Saber...

De admiradoras suas, Sue Carol recebe, semanalmente, quatrocentas e mais cartas. De todos os Estados Unidos, do estrangeiro, de aldeias, de escriptorios, de balcões, de carteiras escolares, de todos os lados e em todas as formas imaginaveis, chegam missivas. Ella recebe cartas que denotam ignorancia e outras que denotam educação. Meninas finas, aristocratas e meninas que trabalham e luctam pela vida. Recem-casadas e esposas em vesperas de divorcios. E muitos velhos, mesmo, ainda contam a Sue Carol um pouco dos seus sentimentos... do passado...

Conversando sobre isto, disse-nos Sue Carol que isto provinha, da parte dos velhos, da isolação em que se achavam e da idéa de mocidade que ella nelles despertava pelos films e pelas photographias. As moças, apresentam-lhe os problemas das suas mocidades e as mulheres que o tempo fez murchar, têm, ao contrario, apenas um problema: viver sem mais poder amar... E, para Sue, ellas vasam seus corações cheios de sentimentos diversos, contando-lhe o quanto lhes custa ver os filhos crescidos e dellas se afastando e o quanto se sentem suas mãos vazias sem terem mais sapatinhos de lã para fazer ou calçar em pézinhos corados e novinhos...

— Meus proprios filhos me esqueceram, Sue!

Escreve-lhe uma.

— Você lembra tanto uma de minhas filhas, Sue!

Permitte que lhe escreva mais a miudo, contando-lhe as minhas tristezas?

Diz-lhe outra.

Outras, querem adoptal-a legalmente como filha. Outras, dão-lhe conselhos como se ella fosse filha. Ainda outras, advertem-na contra as "tentações" de Hollywood, das quaes tanto têm lido... E, mais aquellas que lhe pedem, tremulas, que seja sempre a mesma doce, bôa e delicada meninazinha das fitas. Avizam-na que deve deixar as festas para se recolher cedo e dormir o sufficiente. Acham-na magra neste ou naquelle film e aconselham-na a tomar este ou aquelle fortificante... Vendo-a em poucas roupas, algumas lhe escrevem.

— Você é bôazinha demais, Sue, para apparecer em semelhantes trajes!

Uma senhora de idade, ha tres annos que escreve normalmente para Sue Carol. Isto, depois da primeira em que lhe contou que tinha uma filha de dezesete annos que abandonou o lar e nunca mais lhe deu signal de vida. Envia-lhe, a mesma, presentes pelo Natal e bolos quando é o dia do seu anniversario. Assisti todas as suas fitas e diz que se sente como se fosse sua propria mãe.

Naturalmente, no emtanto, a maioria das cartas que Sue Carol recebe, é de pequenas da sua idade e, todas ellas, discutem o unico problema que lhes póde inquietar: a moderna geração! Nas suas phrases ardentes e nos seus periodos sem pontuação, nas paginas amarrotadas em que escrevem a lapis, mesmo, perguntam a Sue tudo quanto lhes possa interessar sobre os problemas das pequenas de hoje.

Antes de mais nada, a carta de "fan", geralmente, é a mais franca imaginavel. Contém cousas que o "fan" não teria coragem de confessar ao amigo mais intimo, mas não trepida em contar á "estrella" predilecta. Cousas que suas proprias familias ignoram. Confissões, segredos, ambições, anhelos e confidencias particulares e secretas, mesmo. A correspondencia de "fans" que chega a Hollywood, diariamente, é o livro mais interessante que se poderia ler, se as artistas, todas, resolvessem um dia ser indiscretas e comprometter, seus admiradores.

SUE CAROL MONTOU UM CONSULTORIO DE "PERGUNTE-ME OUTRA"...

As pequenas que escrevem a Sue, todas ellas, perguntam-lhe os unicos problemas que possam interessar ás mesmas: rapazes, amor e casamento. Cousas velhas, sempre novas!

— Como devo fazer para seduzir ao meu namorado, attrahindo-o?

E' uma que pergunta.

— Como é que os rapazes gostam que falle, porte-se e vista-se uma pequena, Sue?

Indaga uma segunda.

— O que devo fazer quando meus paes souberem e se negarem a acceitar o meu namorado?

E' a pergunta numero tres.

— Quando deve ganhar o meu namorado, para podermos pensar em casamento?

Ainda outra que faz.

E, assim por diante, na correspondencia de todos os dias, existem perguntas e mais perguntas.

Sobre a sorte de maquillage que Sue Carol usa. Como corta o cabello. Aonde compra seus vestidos. Ou se uma pequena loira, de olhos cinzentos, deve usar roupas vermelhas ou azues...

Ainda existem, nessas mesmas missivas, problemas mais serios ainda da moderna geração.

— Devo permittir "liberdades" ao meu namorado? Mas dizem, Sue, que quando uma pequena permitte isto elles dão o fóra... Mas o que fará uma pequena se não permittir as mesmas? Nunca mais encontrará um só que a vá buscar para os bailes e as festas... Você não acha, Sue, que as pequenas deviam saber tudo a respeito da vida? Porque não?...

Outras, consultam sobre educação.

— Vou ou não para o collegio? Papae e Mamãe querem que eu fique em casa mas eu quero que você me aconselhe o que devo fazer, Sue? Caso-me ou estudo?

Descobrem-se, nessas cartas, tambem, a solidão da mocidade. Sim, solidão no meio de todo affecto dos paes e da familia. Solidão que provem da não comprehensão de certos factos que são problemas para uma moça e um "óra deixe disso" para os paes pouco experientes...

A phrase "meus paes e meus parentes não me comprehendem", e quasi obrigatoria na maioria das cartas que Sue Carol recebe.

Depois que se annunciou o seu casamento, com Nick Stuart, a sua correspondencia mudou um pouco de caracter. Algumas pequenas, não achando Nick Stuart o typo de homem e de marido que convinha a ella, censuraram-na, amargamente. Outras, que tinham tambem os seus respectivos Nicks, perguntaram o que ella acconselhava: noivado longo ou casamento rapido...

Agora, então, as perguntas de pequenas recem-casadas têm augmentado prodigiosamente. Mas, em geral, são pequenas ultra-modernas que querem conselhos ultra modernos, tambem... Acha Sue, por exemplo, que uma mulher póde ter um marido e uma carreira, ao mesmo tempo, sendo feliz em ambos os lados?... A mais frequente das perguntas, no emtanto, é esta: "Deve um casal moço ter filhos, logo, ou deve esperar até se experimentem a si proprios?

A maioria das cartas que ella recebe, não permitte duvidas. O problema que mais preoccupa á todas estas pequenas, é o problema da independencia pessoal. Esposas escrevem-lhe, muitas vezes, perguntando-lhe detalhes sobre independencia financeira do esposo. Ou-

(Termina no fim do numero)

SKEETS GALLAGHER

LAURA LA PLANTE.

UKELELE IKE

LA' EM CIMA, LORETTA YOUNG, MARY BRIAN E DORIS HILL.

POR TRAZ DA

(BEHIND THE MAKE UP) — PARAMOUNT

William Powell	Gardoni
Fay Wray	Marie
Hal Skelly	Hap Brown
Kay Francis	Kitty Parker
E. H. Calvert	Dawson
Paul Lukas	Boris
Agostino Borgato	Chef

Director: — ROBERT MILTON

Quando Hap Brown encontrou Gardoni, tinha, em plena alma, um desanimo intenso. Elle éra um artista de **vaudeville**, tinha idéas originalissimas, mas, acima dellas, um profundo temor de as expôr e de as ver fracassar com total ridiculo para elle. Além disso, amava Marie, uma empregada de restaurante e apenas tinha uma amargura profunda de não a poder fazer sua esposa, tão pouco recebia como ordenado e mal podendo se sustentar.

Gardoni, no emtanto, genial, dominador e extremamente arguto, ouvio os planos de Hap Brown. Ouvio todos. Achou-os notaveis. Mas, dentro do seu programma, desprestigiou-os e, por sua vez, propoz a Hap unirem-se em sociedade e tentarem umas outras maneiras de vencer, todas delle Gardoni, que pareciam ser infalliveis, mesmo.

Reunidas as ultimas esperanças e os ultimos **cents**, fizeram sua estréa num theatro mediocre. O successo foi ás avessas... Tremendo fracasso, resolveram desfazer a sociedade n a q u e l le instante, mesmo e, assim, desapparecendo Gardoni, Hap Brown, desanimadissimo, mais do que nunca, mesmo, resolveu deixar a profissão e procurar qualquer outro emprego, fosse elle qual fosse.

Marie é que lhe valeu nessa circumstancia. Arranjou-lhe, no restaurante, uma collocação como lavador de pratos, que elle acceitou promptamente, mais para ficar sempre ao lado della do que para ter o que comer e o que trabalhar, mesmo. Entre elles, pelo doce e constante convivio, nasceu uma profunda amizade. Approveitando-se della, Hap, um dia, pediu-a em casamento. Mas Marie pensava. Ella achava impossivel que Hap conseguisse manter um lar com aquillo que ganhava e, assim, explicou-lhe aquillo, suavemente e, sem desanimar, instigou-o a mudar de vida e tentar uma carreira, nem que fosse a primitiva, mesmo, para que depois, afinal, se cazassem.

Um dia, resolvendo ir á um theatro, encontram, lá, fazendo relativo successo, Gardoni, usando, para seus numeros, as melhores idéas delle Hap. Sem dizer nada disso a Marie, elle percebe claramente a argucia do seu competidor e resolve, no intervallo, interpellal-o. Ha o encontro, saudam-se e ao ver Gardoni, todos os planos de Hap cáem por terra. Nem tem coragem de se dirigir a elle para o interpellar e nem, muito menos, de dizer qualquer cousa que não fosse elogio. O dominio que aquelle italiano exercia sobre elle éra radical. Certo Gardoni de que o tendo ao lado, para seus numeros, éra conseguir maior successo, faz-lhe a proposta que é acceita com vehemencia, porque Hap, acima de tudo, quer desposar Marie e só este poderá ser o meio.

\+ + +

Logo aos primeiros dias de camaradagem, a attenção de Gardoni cáe directa sobre o lindo rosto de Marie. Estabelecida a camaradagem, emquanto começam a fazer um esplendido successo, gastando-se todas as idéas magnificas de Hap, como se fossem de Gardoni, este se apossa rapidamente, pelas suas attitudes definidas e impetuosas, do coração da linda menina.

Uma longa noite de romance e paixão se segue. Ella comprehende, realmente, que o que sentia por Hap não éra mais nada do que uma illusão e o que Gardoni lhe inspirava, um profundo amor, mesmo. Assim, quando uma phrase mais cheia e mais quente lhe chegou

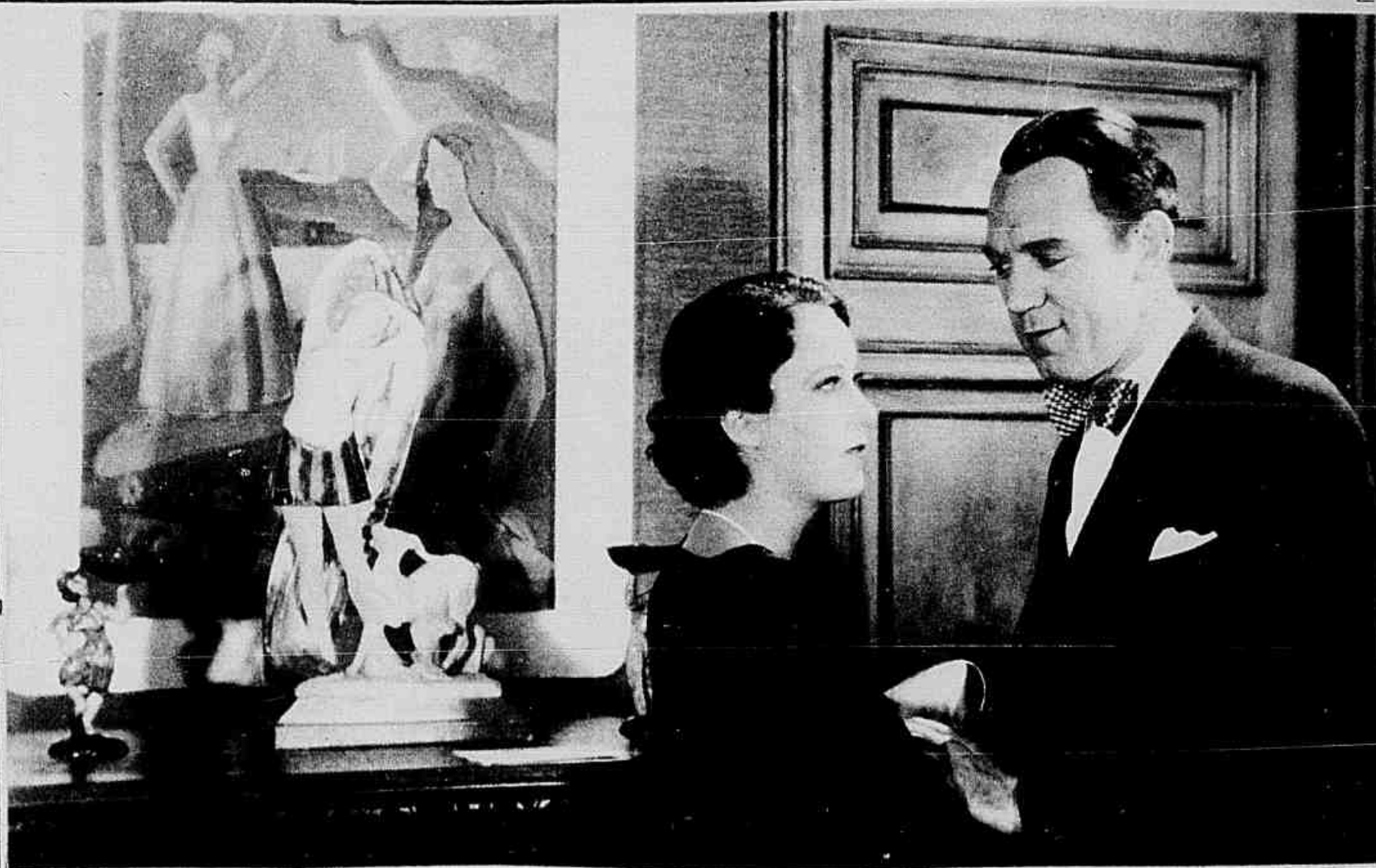
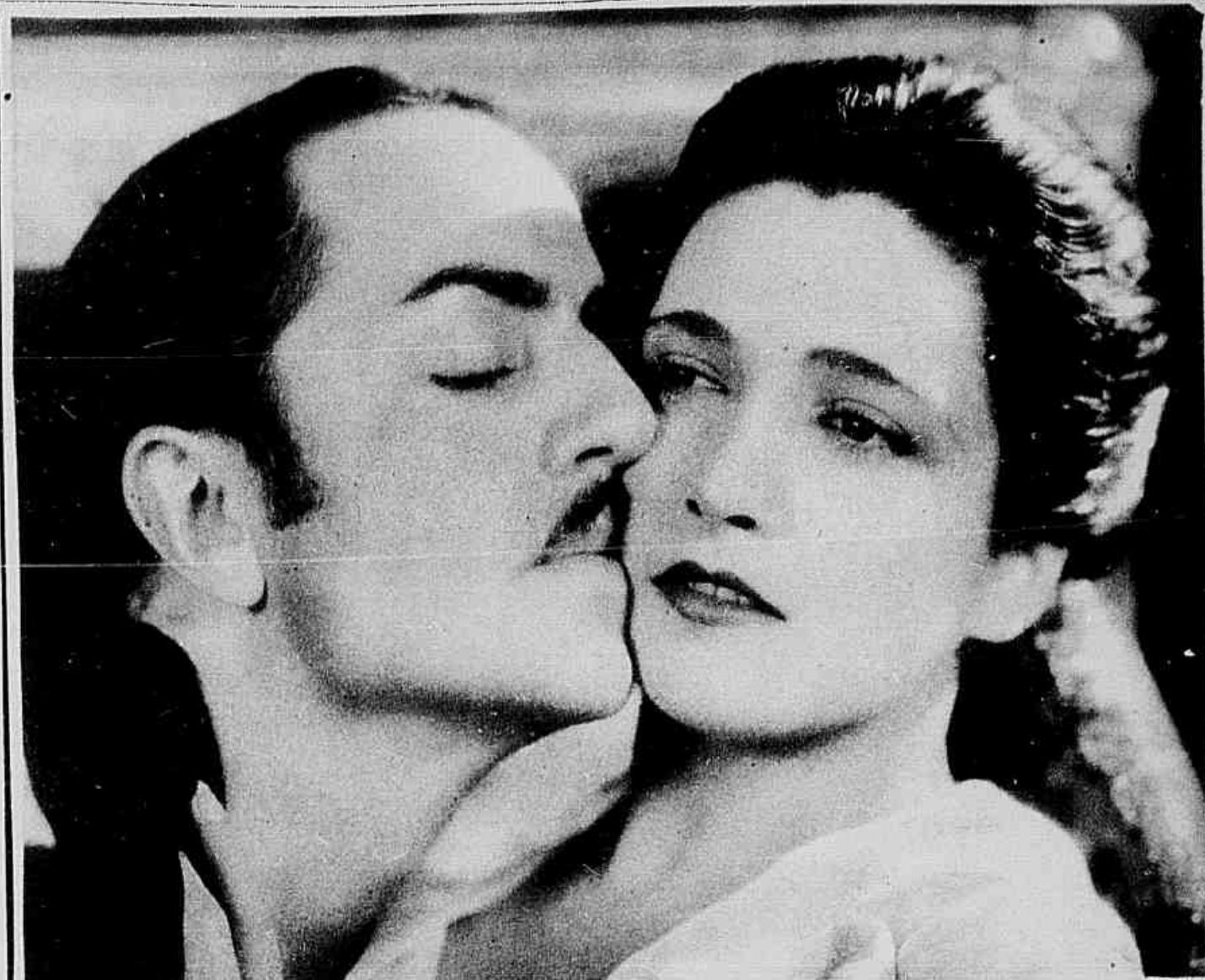
aos ouvidos, pedindo-lhe que fosse sua esposa, voltou-se ella, entregou seus labios ao beijo cheio de fervor amoroso e, dahi para diante, ficou estabelecido que seriam marido e mulher.

+ + +

No dia seguinte, quando deram a noticia a Hap, já estavam casados. Foi um choque bruto, violento, desigual. Mais ainda elle sentiu, den-

Mascara

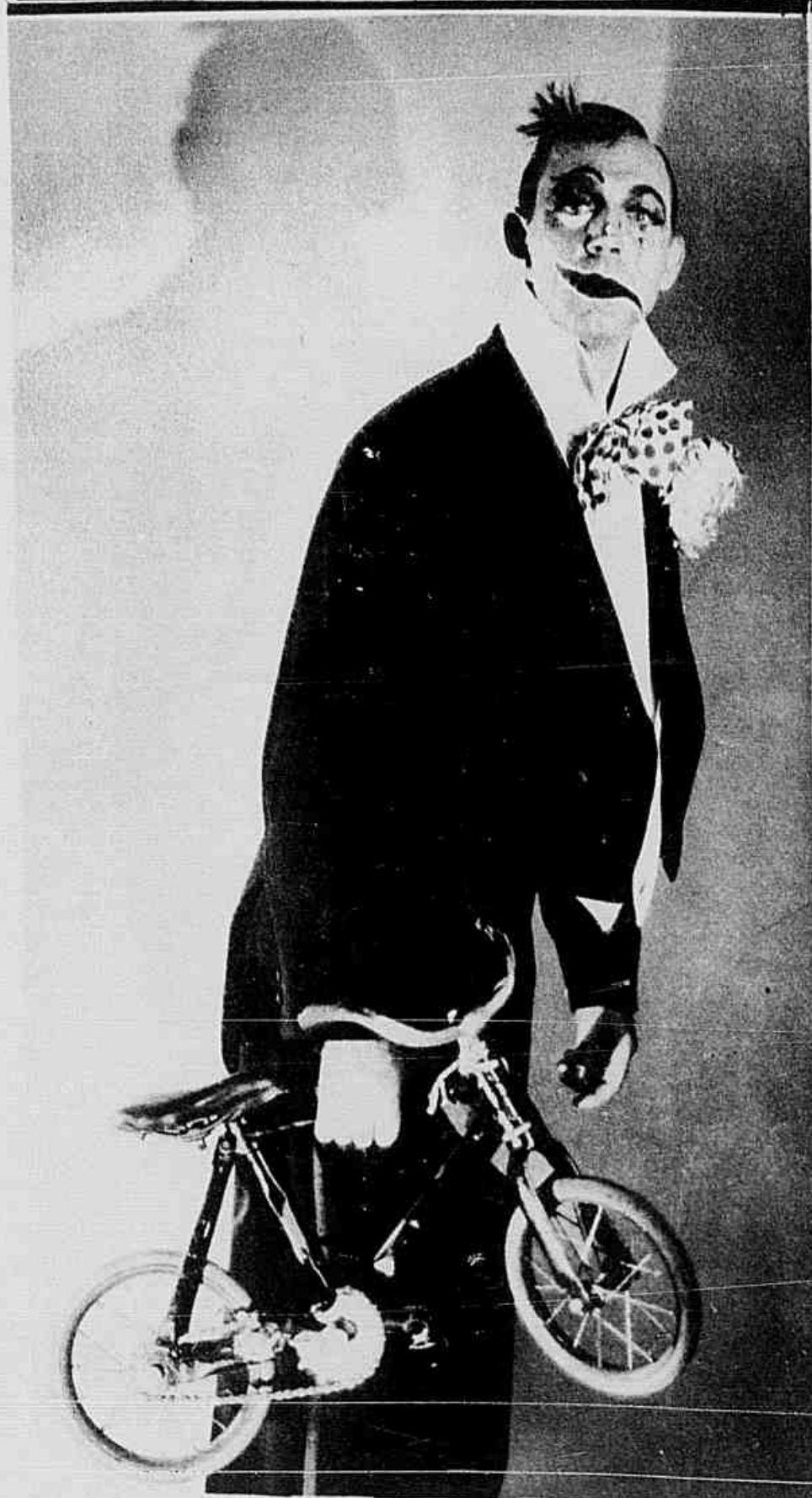
tro de si, a miseria profunda de ser um covarde moral. Não podia reagir, nem siquer para tirar a mulher que amava dos braços daquelle homem que tanto poder tinha sobre todos... Num instante que teve a sós com Marie, naquella noite, perguntou-lhe sobre aquella solução que teve o problema. Ella apenas lhe disse, entre pesarosa e sincera, que éra verdade: amava profundamente a Gardoni. Dahi para diante, aconteceu tudo com uma passividade absoluta de Hap a uma sujeição total ás vontades e ás ordens do dominador Gardoni.

Kitty Parker, em New York, quando a dupla Gardoni-Hap estreou, passou a ser a preoccupação total de Gardoni. Ella éra a heroina do corpo dramatico daquelle theatro. Uma mulher insinuante, maravilhosa e, ainda, com um grande attractivo: amante de Boris, um cavalheiro importante. Continuando a ser tudo e Hap nada, Gardoni apossa-se do coração de Kitty, da mesma maneira pela qual se apossára do de Marie e do de Hap. Mas Kitty éra apenas uma aventureira. O que de Gardoni queria, éra o dinheiro e apenas lhe dando a illusão de uma grande paixão. Para evitar que Marie soubesse de alguma cousa sobre o amor de Gardoni por Kitty, Hay preenche aquelles instantes em que elle deixava a esposa abandonada, com sua companhia e com phrases de animação e carinho, justificando, sempre, para bem, a attitude de Gardoni.

+ + +

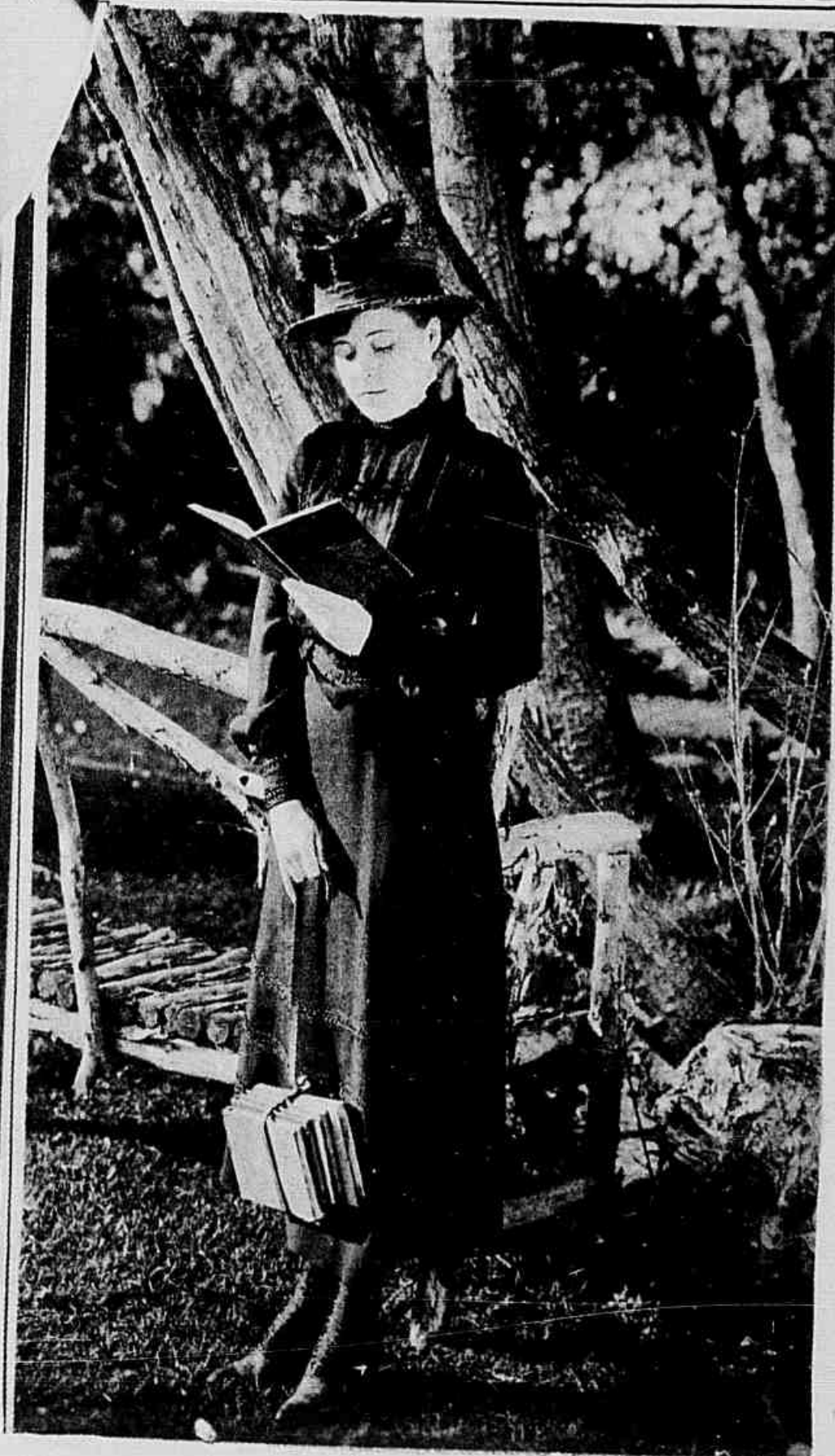
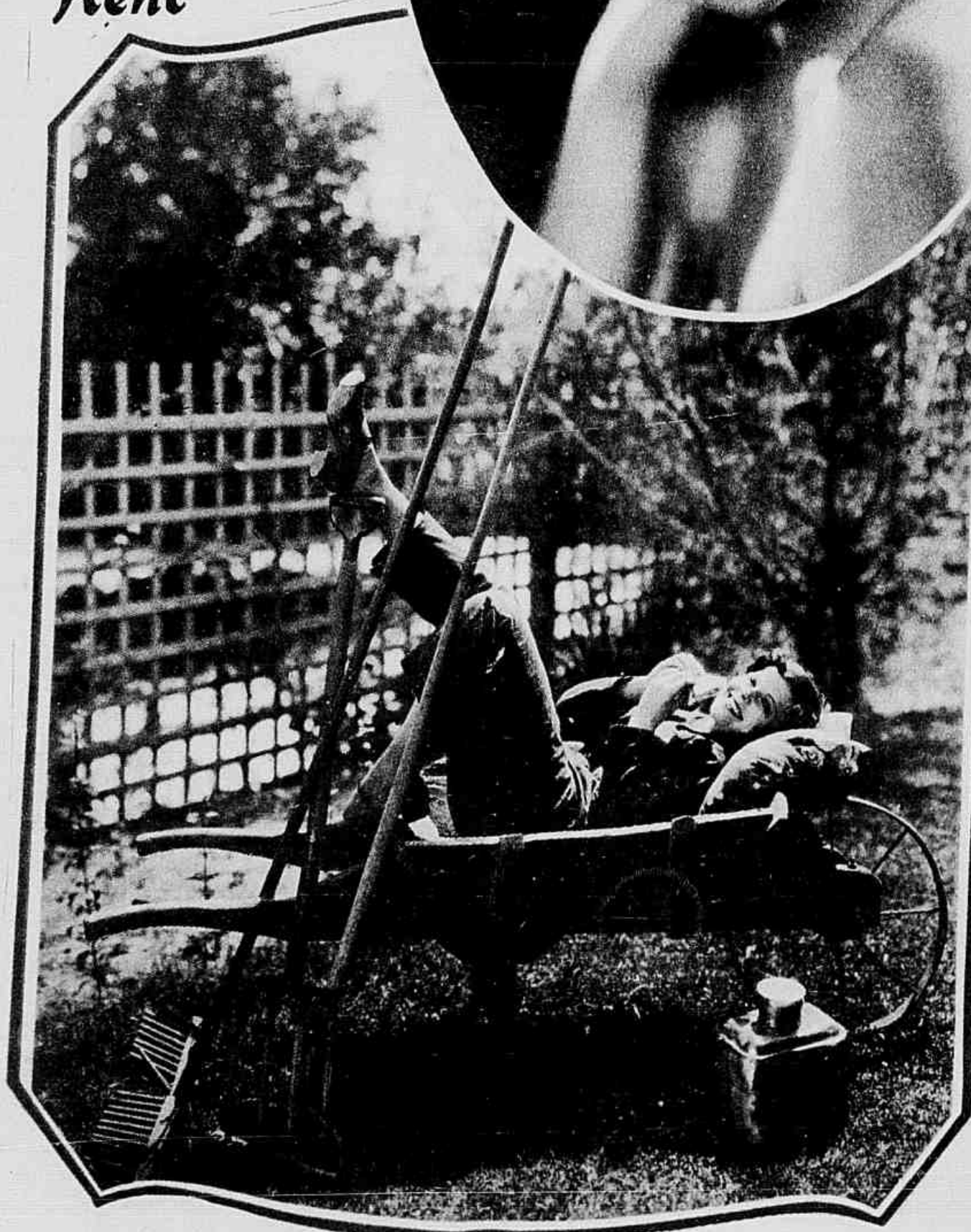
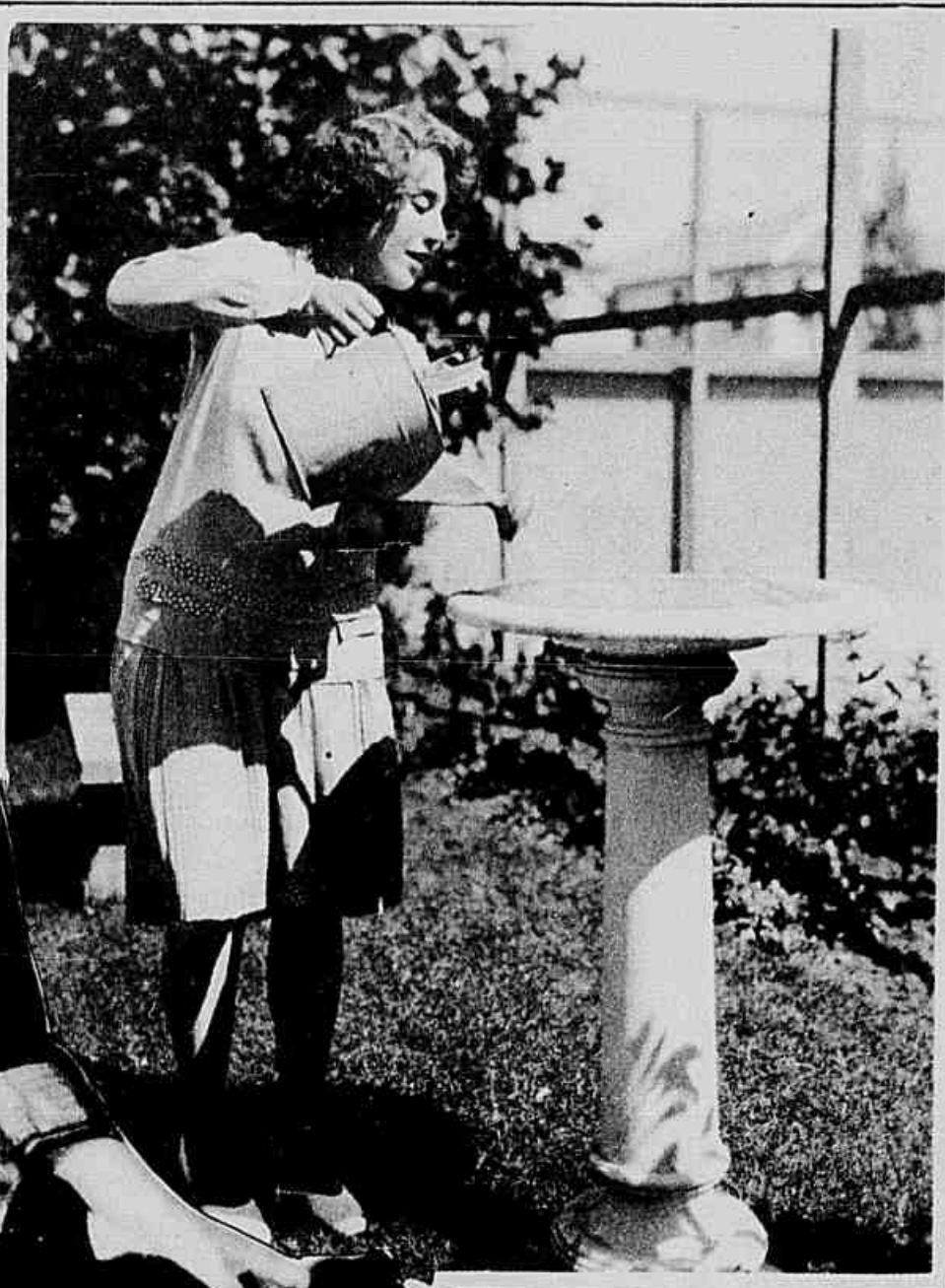
Dias depois, no emtanto, o que tinha que acontecer, acontece, mesmo. Kitty ameaça partir em companhia de Boris. Queria um presente que as posses avulsas de Gardoni não permittem dar. Mas elle, sem o menor escrupulo, apodera-se dos fundos que a dupla Gardoni-Hap tinha no banco e, com os mesmos, satisfaz á vontade de Kitty. A intervenção de Boris, no emtanto, justamente no momento em que ambos projectam uma fuga, é decisiva e liquida com a vida de Gardoni, para sempre.

+ + +

Sozinhos, de novo, na vida, sem o cerebro de Gardoni para os guiar, Hap e Marie proseguem a sua carreira de desventuras. Ninguem dá valôr a Hap. Tudo que apparecêra, éra de Gardoni. E ainda agóra, antes de projectar tentar qualquer cousa, Hap ainda sentia o vazio profundo que em sua alma deixára a ausencia do amigo e do companheiro. Marie então, não comprehendendo o genio de Hap e apenas se recordando dos impulsos intelligentes e audazes de Gardoni, não cessa de o lembrar e de com sua lembrança procurar estimular Hap. Mas elle se acha derrotado, vencido, totalmente desanimado.

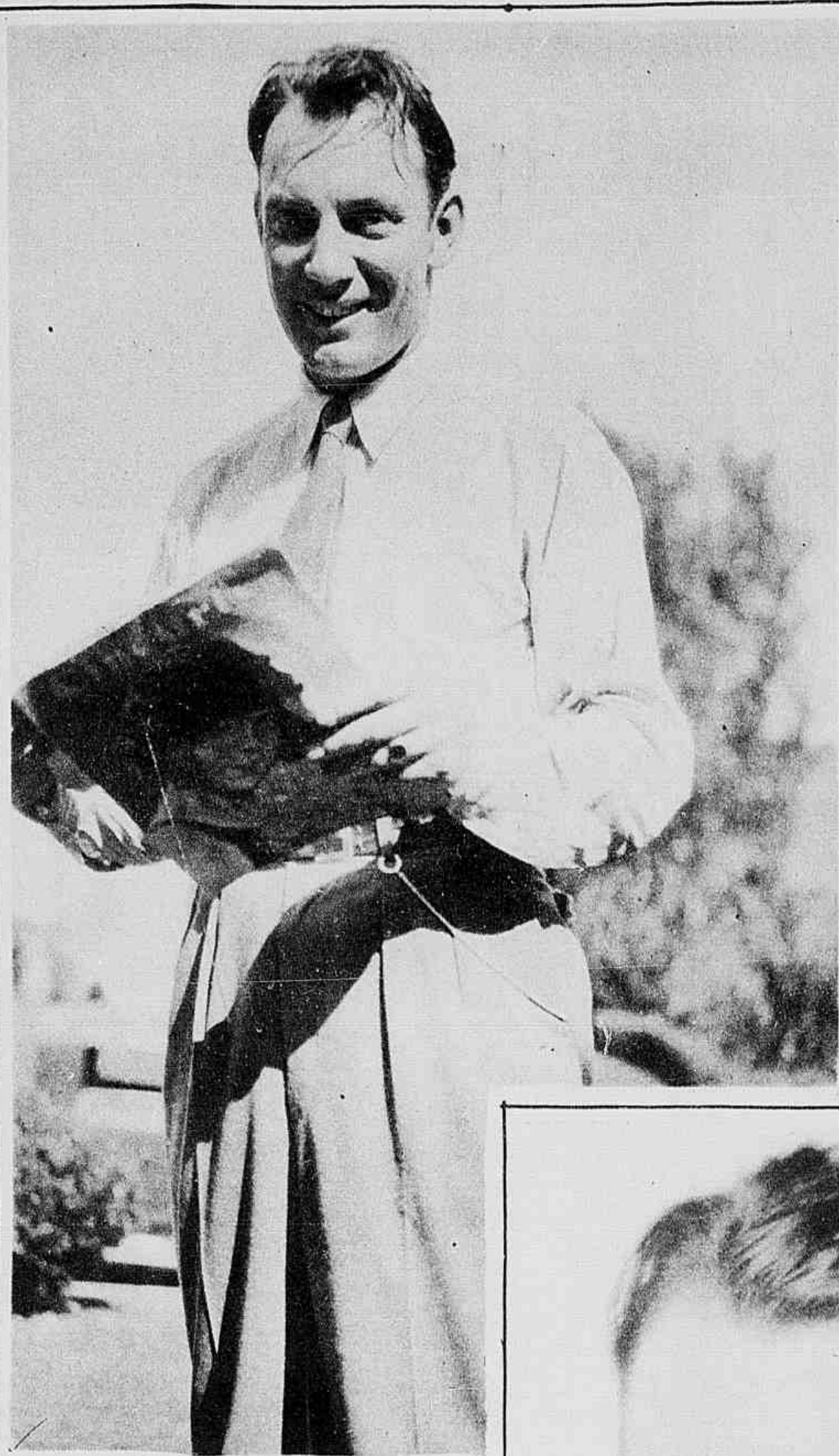
Chegados á curva extrema da miseria, já pouquissimo tendo para comer e nem siquer o conforto de uma cama razoavel para dormir, Hap resolve, num impeto de violencia tentar ser alguem e ser homem, na vida. Quebra a illusão que a imagem de Gardoni ainda mantinha sobre si e pedindo a Marie que apenas prometta ser sua esposa caso elle vença, ensaia um dos seus numeros de successo, de sua unica imaginação e com elle, num pequeno theatro, apresenta-se. Na hora da prova, sente-se fracassar. Mas um beijo de Marie, longo e immenso e um carinho que foi uma promessa, fazemno animar-se e conseguir a victoria, afinal, quando as esperanças já tinham todas fenecido.

O CINEMA JA' E' UMA MINA, BARBARA.

Barbara Kent

CINEARTE ALBUM de 1931 está um assombro!

Louise Fazenda

SIM LOUISE, MAS EU TENHO SAUDADES DAQUELLES TEMPOS DAS COMEDIAS MACK SENNETT EM QUE APPARECIAS COM AQUELLAS TRANÇAS E AQUELLE GATO...

LOUISE TORNOU A CASAR. E DIZ-SE MUITO FELIZ...

TERIA SIDO PARA LOUISE... FAZENDA AQUELLA CANÇÃO DE CHEVALIER EM "INNOCENTES DE PARIS"?

Fred Scott e o "Cinearte"

MAIS

(De L. S. Marinho, representante de CINEARTE em Hollwood)

Se não fossem as leitoras de CINEARTE, eu não entrevistaria mais *barbados*. Francamente! No emtanto, qualquer cousa me sussurra aos ouvidos que Fred Scott não é justamente o typo que as pequenas preferem... Accertei?...

Quando *elle* é um artista de nomeada, celebre e formidavel, ainda dá prazer entrevistar. Mas um Fred Scott... não dá muita inspiração, confesso.

A mulher-artista, falando, dando entrevistas, quer seja ella importante ou não, *estrella* ou *chorus girl*, é sempre mais interessante do que um Fred Scott, não acham? Mas... fui-lhe apresentado, disseram-lhe que eu era da imprensa e elle promptamente se dispoz a ouvir-me, já preparado para responder dados para a entrevista.

Alguns, afinal, tornam-se bons amigos e, depois, acceito-os como *camaradões* e não mais como artistas. Ben Bard, Regis Toomey e alguns outros, estão neste caso. Agora incluo mais um: Fred Scott, um camaradão.

Fui á sua casa convidado por uma pessoa amiga commum. Entre as *homes* simples e modestas que tenho encontrado em Hollywood, a de Fred Scott é das principaes Pudéra! Elle é solteiro... O que de mais extraordinario ali poderia chamar a attenção, era um piano. Ha quartorze annos, disse-me elle, não abandona aquelle seu *amigo*... E é este, tambem, o tempo exacto do seu estudo musical.

Fred Scott, que é um esplendido tenor dramatico, de voz possante e tão afinada quanto a de Lawrence Tibbett, barytono aliás, da sua predilecção, é um cantor que anima os que o escutam. Eu não o ouvi no Cinema, não. Ali mesmo, naquella pequenina sala, elle se sentou ao piano e, para mim, cantou tres trechos de operas suas favoritas. No film *The Grand Parade*, estreou elle no Cinema. Cantou em hespanhol e... não conhece o hespanhol... Sim, affirmo que não conhece, porque pediu-me que lhe traduzisse um trecho de uma canção que costumava cantar sempre mas que nunca tinha tido a curiosidade de saber o que significava.

Além disso, elle é concertista. Da sua collecção de cantos, figuram alguns de Carlos Gomes, como sejam, o dueto do *Guarany* e o solo de *Lo Schiavo*. Mostrou-me elle a sua collecção de musicas: é enorme! Depois do piano e do velho radio, é a cousa que elle trata com mais carinho naquelle seu simples e pequenino lar. Elle não deixa de ter o seu valor como cantor. Conhece 18 operas e 380 canções de cór, musica e letra, incluindo-se, nesta lista, cantos de negros, balladas e canções em dialecto, e, ainda, canta em inglez, francez, allemão, italiano, hespanhol, russo, judéo e japonez. Que tal?...

Para não fugir a regra, Fred Scott apenas sabia que o Brasil era uma *Grande Nação*. Mas não soube me explicar o *porque*... Ahi está: decóra 380 canções e não é capaz de decorar a situação geographica do Brasil na America do Sul... Perguntei á elle muitas cousas que elle mostrou ignorar completamente sobre o nosso paiz. Contei-lhe o que sabia e elle muito se admirou do que lhe dizia. Mas... felizmente já me acho habituado com essas cousas...

Fred Scott contou-me que quando era criança, seu pae comprou uma victrola e uns discos de Caruso. Já tinha quéda pela musica, apaixonou-se pelo canto. E chegou á perfeição de gastar aquelles discos, tocando-os demais... Apesar de ter tanto pendor pela arte do canto e da musica, estreou em alguma cousa util, na vida, editando o seu jornal, que se chamava *Scott's Weekly* e era todo escripto a mão, circulando entre os... amigos! O jornal, naturalmente deu resultado absolutamen-

te negativo. Aos 17 annos, sem outro remedio, empregou-se num posto de gazolina e, ahi, passou a lidar com concertos de pneumaticos. Durante a noite, estudava. Dahi para diante, caminhou lentamente a sua vida até ao instante em que

UM TENOR...

se achou em Los Angeles. Lá, com um tal Alberti, um professor muito famoso e, depois, com um tal Morando, cujo nome elle não se lembrava nem por nada.

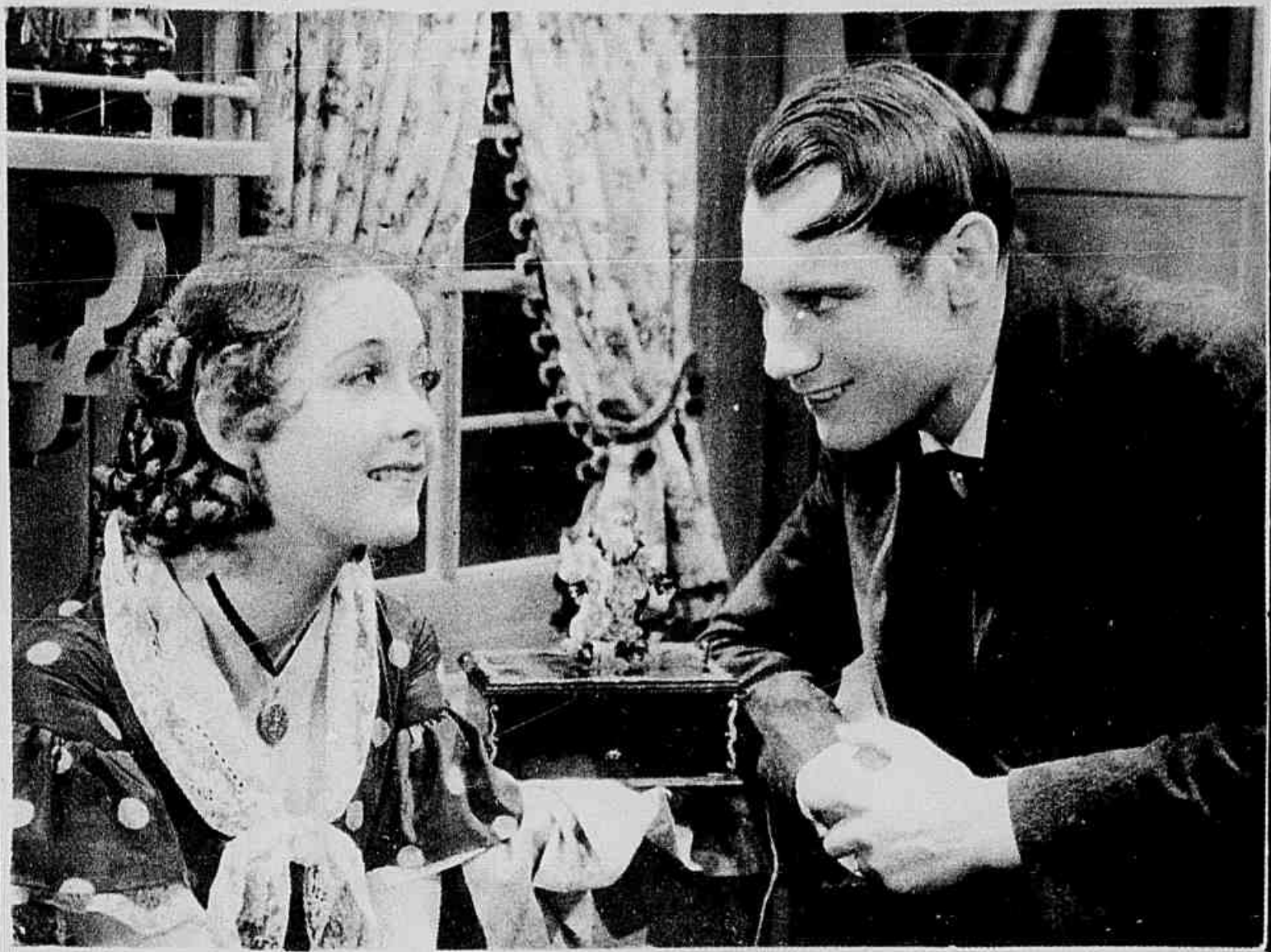
Para manter seus estudos, passou a figurar como *extra* em fitas, já que outro remedio não tinha. O primeiro film no qual figurou, assim, foi *Corações no Exilio*. Depois deu para organizar concertos, que lhe davam algum dinheiro e passou a cantar no radio, quando o Cinema falado já tinha certo impulso e ganhava verdadeiro furor. Ahi é que fez a sua entrada decisiva para o Cinema,, triumphando declaradamente, pela sua voz e pela sua sympathia. Para a Pathé, já fez *The Grand Parade*, depois *Swing High* e já se acha occupado com a filmagem de mais uma fita.

Lawrence Tibbett, na sua opinião, é a voz mais admiravel que o Cinema possue. Acha que Al Jolson é uma nullidade e que John Boles, apesar de ser regular artista e regular cantor, tambem nada vale comparando-se o mesmo a Tibbett e á sua garganta formidavel. (sem trocadilhos, por favôr!)

Depois disso, conversou-se sobre todos os artistas cantores do Cinema. Disse-me elle que são poucos os que realmente cantam. Acha que alguns abrem a bocca e... berram! Ao passo que outros abrem a bocca e... falam! Cantar, mesmo, são raros.

Falando sobre a musica Brasileira, disse-lhe que ella era fertilissima e riquissima de belleza e encantos novos. E Fred Scott me disse que se alguem lhe mandar algumas composições, elle as incluirá nos seus programmas de concertos e audições pelo radio e, talvez, em algum film, mesmo.

Aqui está o seu pedido. Se o leitor se dispõe a lhe enviar taes musicas, para que as mesmas sejam divulgadas pela sua esplndida voz, faça-o para o Studio da Pathé, em Culver City, California, ou, então, para a redacção de *Cinearte*. em meu nome, que me serão enviadas e eu terei o prazer de lhes entregar, logo. Cantos regionaes, de preferencia.

Fred Scott, afinal, não enthusiasmando a principio, acabou se tornando um meu bom amigo. Antes elle, mil vezes, do que Joseph Cawthornes e Claud Allisters...

Numa scena de "Swing High"

卍 O primeiro film de Raimu, terá por titulo — Chotard & Cie.".

卍 Consta, segundo informa o *Film Daily* de 20 de Agosto de 1930, que a Paramount e a Fox iam fechar seus Studios, até serem lançados todos os films que se acham em confecção, presentemente. E que tal medida tomavam, porque sentiam-se afogados com excessos de despezas e diminuição nos lucros.

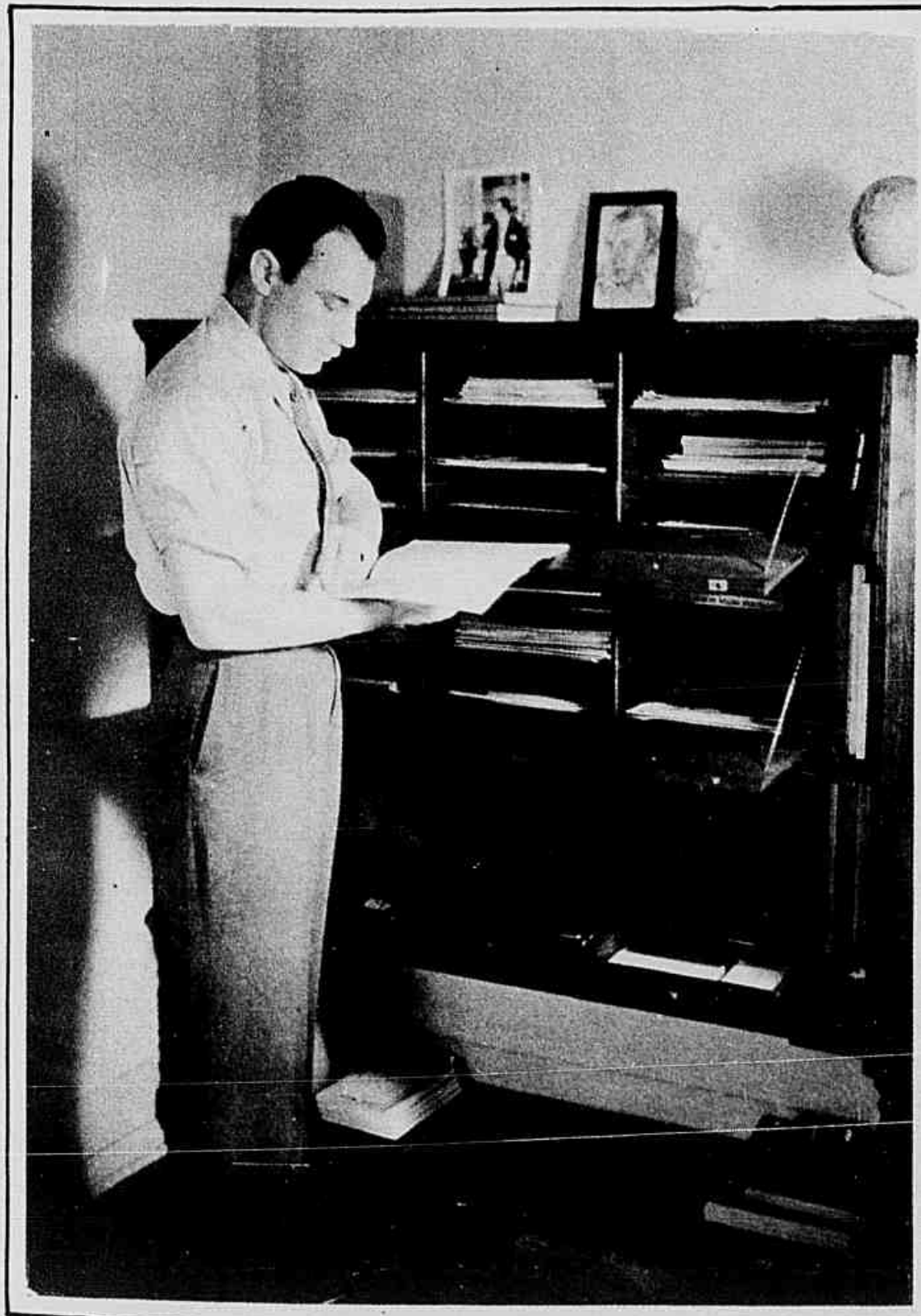
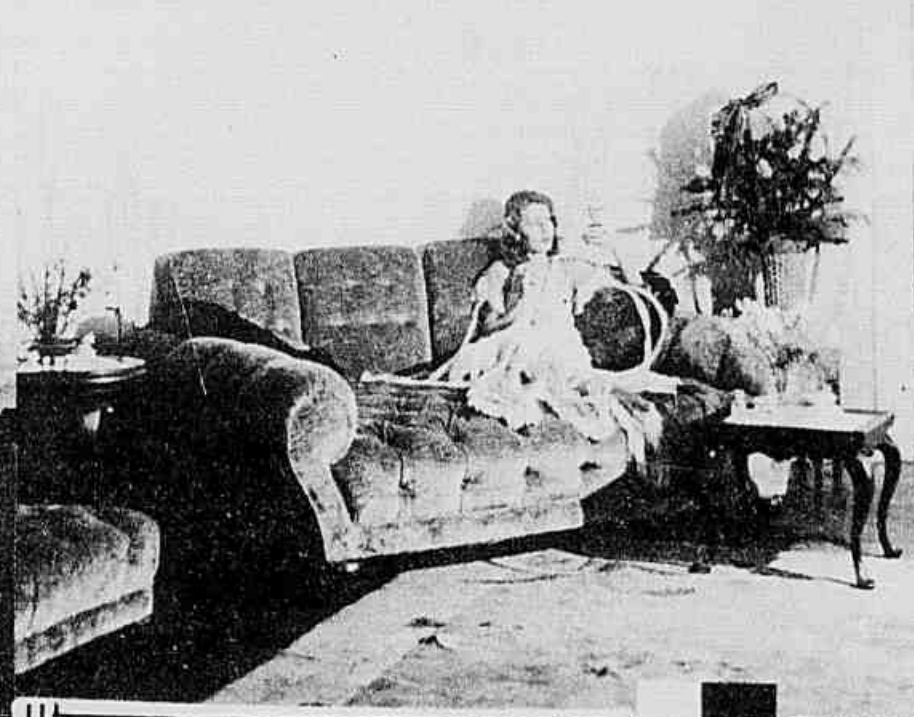
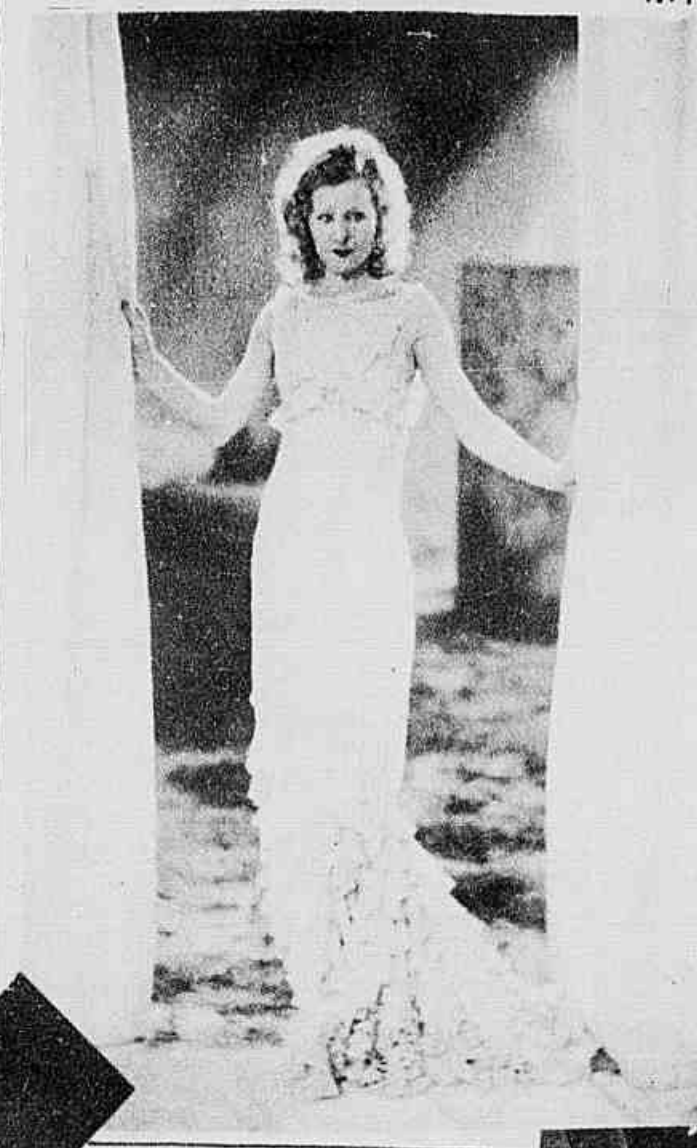
卍 A versão hespanhola de *East is West*, chamar-se-á *Ming Toy* e terá a mesma Lupe Velez no principal papel. O director será George Melford e o galã Barry Norton, que a Universal acaba de pedir emprestado á Paramount. O galã da versão original, como se sabe, foi Monta Bell e o galã, Lew Ayres.

卍 Howard Estabrook, excellente scenarista, foi contractado por longo prazo para trabalhar apenas com a R. K. O.

卍 Josephine Lovett é que está escrevendo o *scenario* de *The Souaw Man*, que Cecil B. De Mille fará como sua terceira producção para M. G. M.

卍 Richard Oswald que foi o director do film allemão "L'affaire Dreyfus", está com tenções de dirigir o film "L'affaire Mata-Hari", tendo já declarado que respeitará rigorosamente sobre o celebre caso a mais estricta verdade historica.

卍 Será apresentado muito breve em Paris, o film "Nos maitres les domestiques", de Grantaham Hayes, com: Baron Fils, Diana, Madeleine Guitty, Renée Parme e René Ferté.

卍 A Pathé está planejando um numero de 16 producções em linguas estrangeiras. Mais uma fabrica que se prepara para nos atormentar...

Lilian Harvey

RAQUEL TORRES

MARY BRIAN

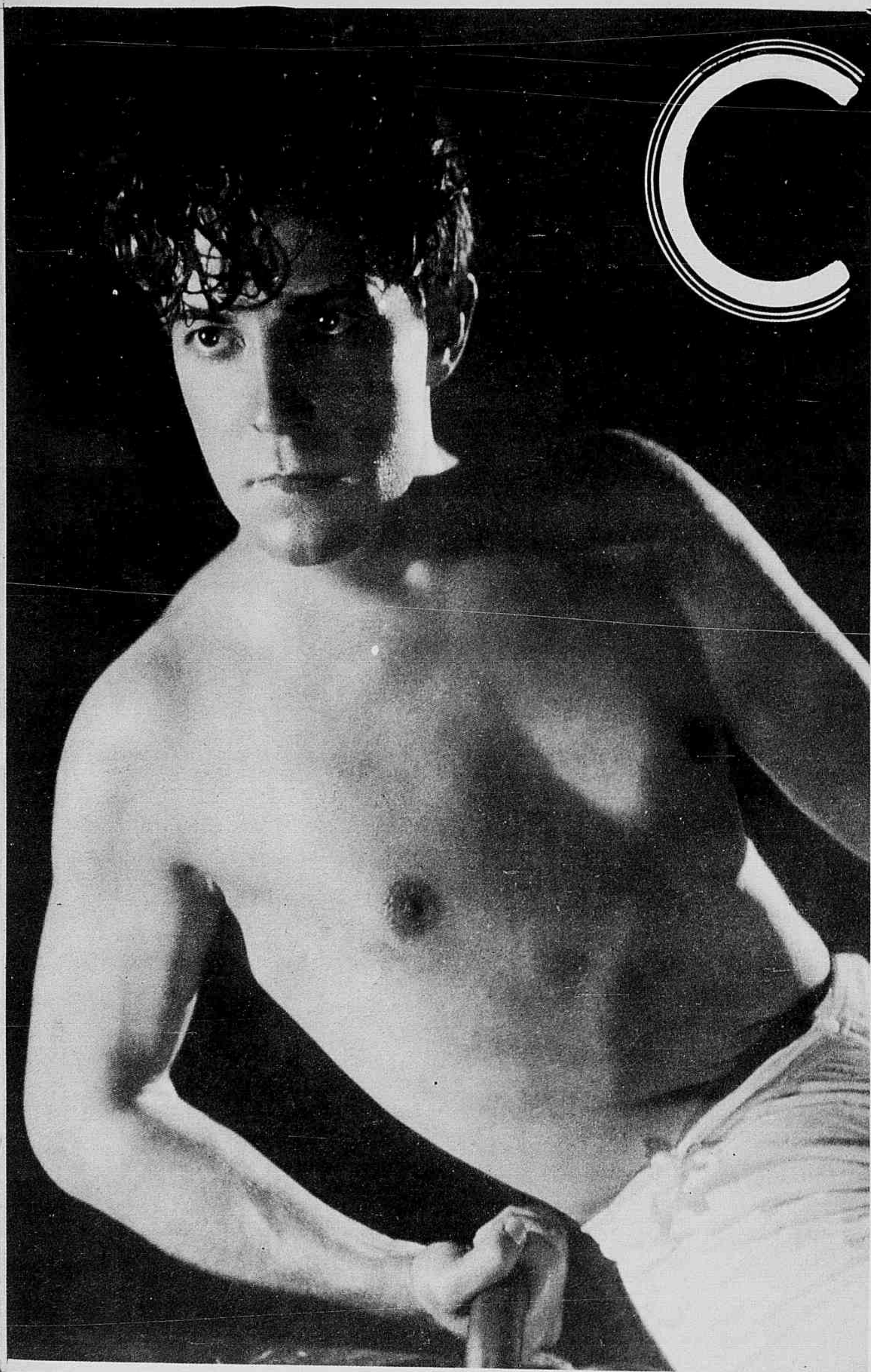
DOLORES COSTELLO

LILY DAMITA

KATHRYN CRAWFORD

Quando os homens descansam...

LOIS MORAN

Conselhos de Ramon

RAMON COM SAUDADES DE "BEN HUR"...

Ramon Novarro, nascido em Durango, Mexico, que dansava com Marion Morgan e sua *troupe* e que depois de uma curta temporada de *vaudeville* fez o principal papel da fita *Omar Khayyam,* um argumento escripto por Milton Sills, por signal, conta o que acha que se deve fazer na vida, para ser "astro". Elle o artista que o successo logo alcançou, depois de *O Prisioneiro de Zenda,* com Rex Ingram, bem que o pode dizer. Em linhas geraes, acha, que o successo não pode vir do dia para a noite. A felicidade, no emtanto, é um grande factor para a fama. Mas que atraz de toda a fama, ha, sempre, a historia de uma grande luta.

Ouçamol-o.

——oOo——

— Havia uma lenda, no Mexico, aonde nasci, que contava a historia de um valle magico, aonde as crianças encontravam, quando quizessem, arvores que davam bolos saborosos. E estes, quando comidos, encerravam, cada qual, uma sabedoria. Em vez da criança ir á escola, podia obter educação, apenas comendo o bolo no valle magico.

— Este conto phantastico, eu sempre o lembro, em outras formas, mesmo em terras extranhas. Significava o mesmo, na sua sabedoria symbolica, que nada se conseguia, na vida, sem o esforço necessario para a alcançar.

— No Cinema, então, isto é uma cousa admiravelmente certa. Porque, antes de mais nada, não existe caminho traçado para o successo nas fitas. Mas-mo os casos mais felizes de ascenção á primeira cathegoria têm, todos elles, um "que" de infelicidade, de pobreza ou angustias, atraz de si.

— James Murray, por exemplo, começou a sua carreira, figurando como galã de *A Turba,* a fita esplendida de King Vidor. Parece, quando se diz assim, que Jimmy foi um rapaz de sorte rara, nascido com colher de prata na bocca e feliz na sua primeira tentativa. No emtanto, se examinarmos o caso delle, averiguaremos que Jimmy, quando King Vidor o descobriu para o papel, estava soffrendo até fome e immerso num desgosto e num desanimo intenso pela pouca sorte que ha mezes vinha curtindo na inflexivel Hollywood... Ha mezes que elle tentava o Cinema. Aqui e ali, apenas como *extra* de scenas de multidão, conseguia um pequeno lugar. Faminto, mesmo, chegou á conclusão de que era um inutil para aquella arte. King Vidor descobriu-o accidentalmente e se isto não se desse, elle teria voltado para o seu lugar primitivo e nunca mais teria resolvido tentar uma carreira tão dura, tão ingrata e tão cheia de espinhos.

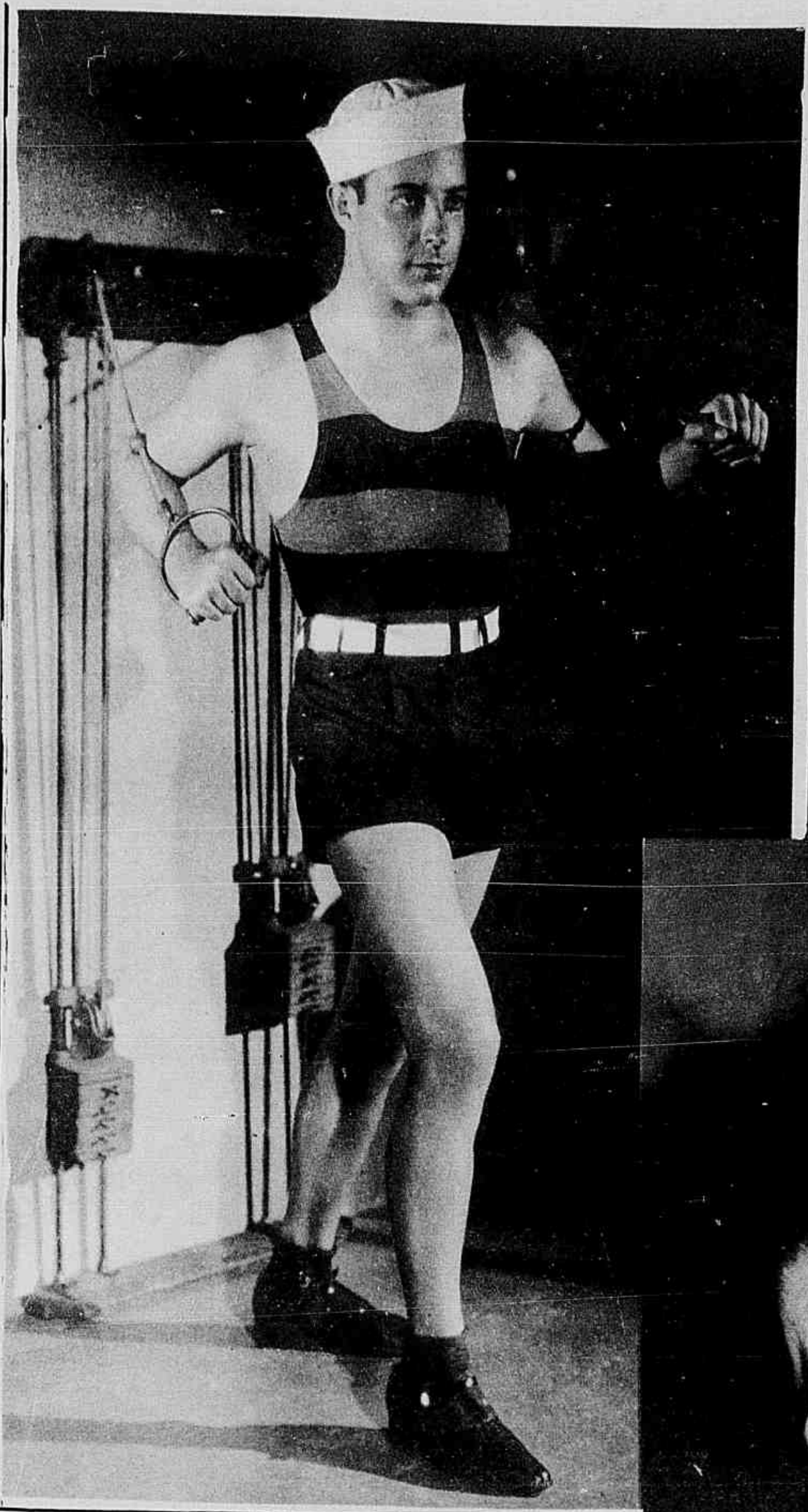
No seu caminho, assim, Jimmy não teve tapetes floridos de rosas e nem, muito menos, estrella bondosa e affavel. Começou bem, é certo. Mas soffreu até fome para conseguir este primeiro passo na estrada do successo.

— Mary Philbin, bem o sabemos, venceu um concurso de belleza e veio para Hollywood. Isto tambem aconteceu com Gertrude Olmstead. A, depois disso, a mesma historia de desapontamentos, desillusões e tristezas. Mary Philbin teve o primeiro successo com a fita de Von Stroheim que Rupert Julian concluiu, *Redomoinho da Vida* e, isto, depois de ter figurado em fitas de *far west,* por longos mezes...

— Por isto, digo aos que aspiram para o successo no Cinema que a primeira cousa a conseguir é ter a certeza, intima, de que o successo não virá do dia para a noite. Em alguns casos, como o que citei, de James Murray, elle veio, sim, Mas já trazia, atraz de si, um cortejo grande de infortunios.

— Para este caso, deve-se pensar, antes de mais nada, que o Cinema é um negocio, antes de ser uma arte. Os Studios não podem *fabricar* ou *impor estrellas e astros.* Sómente o publico pode! E, assim, o artista que começa em pequeninos papeis, tem que ir cres-

cendo, crescendo, crescendo, até que o proprio publico por elle se interesse e consiga, assim, melhores papeis para o mesmo. Como os papeis que quaesquer um delles interpretam são vistos pelo publico, é apenas o publicc que o poderá julgar bom ou ruim. Nada mais.

— Ha, ainda, nisto tudo, uma grande parcella de competição. O aspirante a um lugar de destaque, no Cinema, deve se lembrar que compete, neste torneio nem sempre alegre, com milhares de outros que tambem têm o mesmo sonho. Não ha, mesmo, pode-se dizer, trabalho que chegue

Para vencer no Cinema

para um quinto dos *extras* que querem figuras em fitas. Não pense em procurar Hollywood, para tentar o Cinema, a menos que se possa manter, independentemente, ao menos por um espaço de dois a tres annos. A sorte é que decidirá tudo isso.

— O melhor meio, mesmo, é começar como *extra*, fazendo o devido *training* para as principaes posições, mais tarde. Faça tudo quanto lhe pedir o director assistente (sim, porque geralmente o director, mesmo, não fala com o *extra*) porque, nesse caso, será notado e procurado para a proxima opportunidade, por si só. Manejar *extras*, temos que reconhecer, é um trabalho arduo e um delles que seja obediente, docil e facil de manejar, facilmente distinguido dos demais. Isto é muito mais importante e formal do que procurar protecção ou *pistolão* com fulano ou beltrano, figuras importantes no meio Cinematographico. Um director ou um assistente dão pouquissima attenção á um recommendado. Dão attenção áquelles que se portam direitinho e com muita obediencia e malleabilidade.

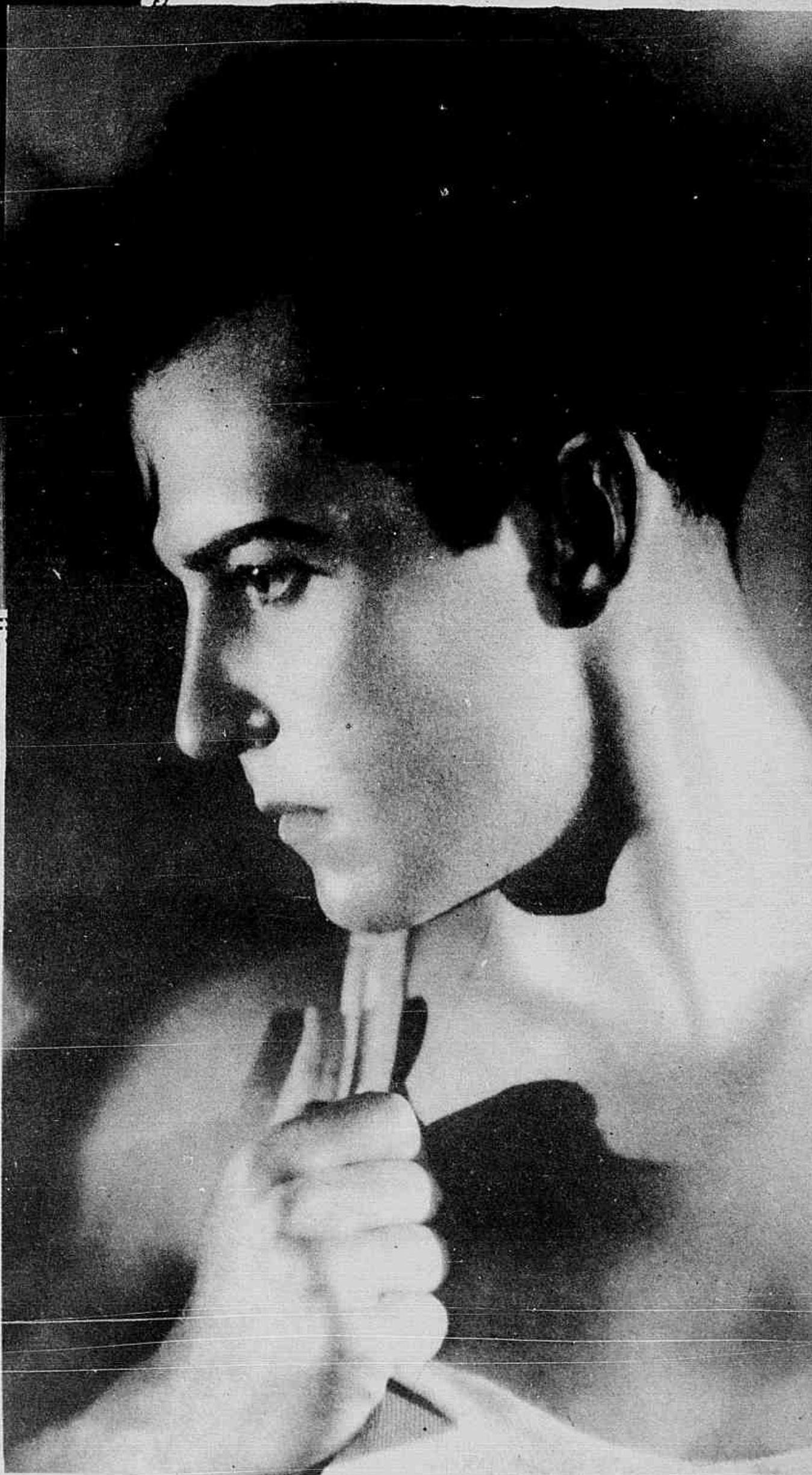
— Um *extra* intelligente e sufficientemente habil para conseguir comprehender rapidamente as ordens que recebe, é notado facilmente e consegue, sem que peça muito, mesmo, trabalhos aqui e acolá. Estes pequenos *bits*, são, sempre, os primeiros e solidos degráos para a escada dos successos.

— Os temperamentos favoritos, são os doceis. Os prestimosos, tambem, são muito provaveis candidatos a successos garantidos. Apresentar-se á hora e á tempo, para o trabalho e fazer o *lunch* com presteza, são predicados. A demora, num Studio, equivale a milhões de dollares de prejuizos e, assim, o *extra* que seja ordeiro e attencioso. tem opportunidade de ser sempre o preferido e sempre o *em vista* para as melhorias.

— Se já foi artista de palco, ainda que artista modesto, terá, sempre, 40% do caminho andado. E artistas de palco, tambem, afinam pelo mesmo diapasão. Formam-se nos bastidores e de lá, lentamente, avançam até aos planos grandes nos cartazes do successo. Jeanne Eagels disse-me, ha tempos, quando estava fazendo aquella fita com John Gilbert, que tinha quasi que a certeza de fracassar se se apresentasse num principal papel, assim rapidamente, numa fita. Charlotte Greenwood, que é da mesma opinião, acha que o trabalho do Cinema e o do theatro, são diametralmente oppostos. Mas que o do theatro facilita muito o caminho para o do Cinema, sem duvida.

— AFASTE-SE DAS CHAMADAS ESCOLAS DE CINEMA, QUE SÃO, EM REGRA GERAL, RATOEIRAS PARA OS SEUS HUMILDES DINHEIROS. (o gripho é nosso. Já vêm os que se inscrevem em escolas de Cinema, estão errados. Lá, nos Estados Unidos, artistas como Ramon Novarro acham isto. Aqui, com muito mais razão, dizemos isto. E os melhores artistas do Cinema Brasileiro, diga-se, não vieram de nenhuma escola...) Não é necessario aprender *maquillage* numa escola dessas para ser *extra*. Os Studios têm departamentos de *maquillage* e elles proprios gratuitamente os ensinarão. São cousas, estas de *maquillage*, que apenas a longa experiencia faz com que se torne arte. Outros *extras* mais experimentados, por suas vezes, concluirão os seus estudos sobre este assumpto.

— A cousa principal que devem ter em mente, no em-

(Termina no fim do numero).

Jean Arthur,

CADA VEZ MAIS LINDA...

MAIS LINDA E MAIS CHIC ATÉ NOS PIJAMES...

SEMPRE QUEIMANDO...

O CASAL feliz...

ELLE, EDMUND.

São palavras de Lilyan Tashman sobre o seu casamento com Edmund Love. Interessantes, sem duvida...

— Não acceito e nem acceitaria, em meu casamento, os privilegios de uma mulher cuja unicá posse, sobre seu esposo, fosse a licença matrimonial.

— Accredito que certos casaes tenham, mesmo, o prazer de viver juntos. Mas elles vivem juntos, porque querem e não porque palavras de união os tenham ligado.

— Refiro-me, é logico, ás pessôas que já attingiram á idade da discreção mental. Pessoas que sabem o que estão fazendo com suas vidas e *porque* estão fazendo. A promiscuidade, tão commumente confundida com vontade propria, é dynamite para a felicidade de quem quer que seja.

— Os casamentos, para as creaturas da minha profissão, têm approvado mal. Seriam optimos, por exemplo, se pudessem ser dignificados por todos e, além, disso; ficassem isentos de falatorios. Mas isto, para nós que vivemos sob a luz de reflectores, é impossivel.

— Eddie e eu podiamos, perfeitamente, haver tentado o casamento de experiencia. Tenho a certeza de que seriamos companheiros para todas as horas, para todos os momentos, até que legalizassemos essa união á qual tantos tão cégamente se atiram.

— Nunca me impressionei com a santidade do matrimonio, a não ser depois que averiguei que existia, de facto, um mutuo perfeito entendimento entre elle e eu e não, apenas, palavras ditas por pessôas legal, officializando a nossa ligação, apenas. Sinceramente fallando, permittam-me esta liberdade de pensamento: conheço casaes que, como costumam dizer "vivem juntos" e que, no emtanto, são infinitamente mais felizes, mais cordatos, do que outros que vivem fieis aos preceitos do mundo e infieis com os preceitos de seus proprios corações...

— O casamento de experiencia tem estas qualidades: é a união de dois entes que querem estar juntos.

— O casamesto, de outro lado, póde ser apenas pretexto, por muitos motivos. Uma mulher póde se casar com homem que ella não ame, apenas para ter protecção, guarda e um lar.

— Uma mulher casa-se, ás vezes, para as maiores dependencias — ou independencias — que não lhe eram conferidas na simples orbita da sua existencia.

— Ella se póde casar para fugir ou para se refugiar.

— Mas uma mulher "vive" com um homem, apenas porque os unem um laço conjugal! Salva pela coragem das suas proprias convicções, nada ganha ella com isso — e, ainda, aos olhos do mundo perde, ao contrario...

— O casamento — gritam os reformistas — é a unica protecção para uma mulher. Porque deverá ella abalar os alicerces das proprias bases da sua existencia?

— Acho que esta pergunta e estes principios, ha quarenta ou 20 annos passados, mesmo, eram certos. O mundo, a não ser pelas portas do casamento, era completamente fechado para uma mulher. Ellas dependiam exclusivamente dos homens, não sómente para seus sustentos, como, ainda, pela occupação total dos seus tempo e pensamentos. O casamento era a méta final das suas aspirações, nada mais... Era preciso, portanto, que uma mulher fosse acima do normal para conseguir viver com seu marido no mesmo nivel, unidos pelo matrimonio.

Ella, Lillian.

— O mundo, nos nossos dias, é, felizmente, glorioso para as mulheres! E' mais dellas do que dos homens. No commercio nas varias profissões, na arte, contribue ella, hoje, tanto quanto um homem. Tem a opportunidade de fazer o que quer. Ganha e controla seu proprio dinheiro. Tem sua vida independente. Seu lar. Seus proprios pensamentos. E', pela primeira vez, na historia do seu sexo, individual! Ella póde, tambem, escolher casamento e isto, para ella, não é mais uma obrigação.

— Encaro o romance meu e de Eddie, como um dos casos typicos dos nossos dias, da época em que vivemos.

— Estamos casados ha cinco annos e ha muitos outros que já nos conheciamos. Desde o principio sabiamos que eramos feitos um para o outro. Nada, porém, que se relacione com o tolo amor á primeira vista. Foi um caso de amor á primeira comprehensão do que eramos um para o outro!

— Eu estava trabalhando nas "Follies". Eddie era um joven galã da Broadway. Elle não ganhava muito mais do que eu, não. Se eu procurasse posição, dinheiro, tinha sufficientes opportunidades, lá nas "Follies" ou fóra dellas, para não estar dando attenção a um artistazinho soffrivel. Mas eu o amava.

— Quando um contracto para fitas o levou para a California, eu não resisti e accompanhei-o, logo. Fui, porque quiz. Queria estar sempre perto do homem que eu amava. Era logico que eu não tinha certeza alguma de fazer successo certo. Já me haviam dito que eu era um *typo Cinematographico* e, contrariando isto, eu já havia conquistado certa posição nos theatros de New York.

— Não agi, é logico, como collegial maluquinha que arruma as malas e accompanha o namorado, não. Sabia, perfeitamente, aquillo que estava fazendo e já calculava um meu possivel successo como artista, encarando isto, mesmo antes de pensar na minha felicidade como mulher. Digo isto, claramente, porque não quero que pensem que eu me "sacrifiquei" para accompanhar e seguir Eddie. Eu fazia aquillo que queria, apenas. Poderia viver, é logico, perfeitamente bem, tambem, á sombra dos successos de Eddie, mas isto não entrava nas minhas cogitações de então.

— Desde o principio, felizmente, Hollywood foi affavel para commigo. Recebi, desde logo, bôas propostas para figurar em fitas. Meus dias dahi para diante, passaram a ser tomados, todos, pelo accumulo de trabalho que me começava a apparecer e os momentos livres que tinha, gastava-os com o homem que amava. A vida, além disso, não tinha mais prazeres para me dar. Hollywood acceitou e comprehendeu a absorpção absoluta em que eu e Eddie viviamos. Eu jamais ia a qualquer festa em companhia de outro homem e nem elle em

Elle e Ella, o casal feliz... Porque? Ora, leiam! Eu acho muita graça nessas pessoas que dão regras para felicidade e casamento...

(*Termina no fim do numero*)

NÃO HA MAIS CEIA SEM MUSICA...

como crianççinhas que ganham um brinquedo novo: não se separam delle nem para dormir... O simples *som* de vozes, em dialogos, não lhes é sufficiente. Têm que mostrar, mesmo, aos *ouvidos*, todas as sortes de sons existentes no mundo e os quaes possam os seus *Tones* ou *Phones* gravar. Antigamente, então, por qualquer motivo e sem razão alguma, davamnos *close ups* de burros zurrando e cães ladrando ou cavalheiros accendo cigarros, para apanhar o barulho do riscar dos phosphoros. Deixaram disso, felizmente e se tornaram um pouco mais intelligentes. Mas musica, para elles, é, agora, um excesso de bagagem...

——oOo——

As fitas faladas, agora, dividiram o publico em duas classes distinctas. Os que são musicaes e os que não são. A ultima classe é inqualificavel. Assim, agora não ha mais difficuldade para se distinguir quando o artista é villão ou heroe. Porque, é logico, todos os bons cidadãos, tocam ou cantam qualquer cousa e; tanto melhores são, quanto melhor cantam ou tocam (ou elles ou os seus *doubles!*). Se nos é apresentado um villão que

GOSTA DE

toca piano com perfeição ou que canta melodiosamente, podemos adivinhar, na primeira scena, que elle é um villão sympathico. Antes da fita terminar, vel-o-hemos, na certa, privando-se de roubar as virtudes da *ingenua* ou insistindo em dar-lhe um cheque de muitos mil dollares para a acquisição de um presente para as suas nupcias com o *heroe*...

As comedias musicaes, é logico, são differentes. As maneiras complicadas pelas quaes ellas entram, á todo o instante, em canções e tocatas ou dansas e sapateados, é alguma cousa fascinante de se estudar... No emtanto, os proprios dramas pesados têm as suas passagens musicaes, queiram ou não queiram. Nenhuma scena realmente dramatica é considerada interessante se não houver alguem, durante a mesma, que pergunte a outrem se sabe tocar alguma cousa ou cantar outra. E, em outras occasiões, mesmo, sem nada avisar surge um que toca alguma cousa e depois outro que toca outra cousa... A musica, nós todos o sabemos, tem reaes encantos. Mas... E' demais! Qualquer um usaria, aqui, o conselho de

Uma scena imaginaria de uma fita falada:

— Mr. A.: "Cante alguma cousa".

— Mrs. B.: "Eu não canto."

— Miss C.: "Então, toque um pouco de piano para nós!"

— Mrs. B.: "Eu não toco piano."

Lord Q.: "Por Jupiter! Então arranhe-nos qualquer cousa ao violão!"

— Mrs. B.: "Eu não arranho ao violão!"

— Marquez Z.: "*Mille tonnerress!* Toque então *quelque chose* ao saxophone!?"

Mrs. B.: "Eu não toco *quelque chose!*"

——oOo——

Eu disse: uma scena imaginaria!!! Porque, na verdade, uma cousa assim, até hoje, ainda não succedeu nas fitas faladas e, provavelmente, durante a existencia da presente geração não existirá, mesmo. E' provavel, no emtanto, que tenhamos o prazer de sentar os nossos netos sobre os joelhos e, delles, ouvirmos, futuramente, a narrativa de terem assistido semelhante *maravilha* numa fita. Presentemente, porém, seria um terremoto para as audiencias dos Cinemas... Os hospitaes da cidade, todos, seriam insufficientes para accommodar os agravados de choques nervosos que tal cousa occasionaria... Porque, na verdade, quando Mr. A pede a Mrs. B que toque ou cante qualquer cousa, todos nós sabemos, perfeitamente, que existe um *double* de voz ou um *double* instrumental, promptos ao primeiro arranco da manivela da *camera*, se é que os *heroes* não saibam, elles proprios, semelhantes officios a entrar em acção. De qualquer forma, porém, Mrs. B. cumprirá o seu programma...

——oOo——

Os productores já fixaram como lei, firmemente, que as pessoas direitas são musicaes. E que, além disso, apresentar ao publico um *heroe* ou uma *heroina* que não soubessem tocar, executar, soprar ou gritar qualquer coisa — sem ou com *doubles* — seria concorrer para um desastre irremediavel. Seria isto, na opinião delles, tão errado quanto fazer o heroe tomar sopa, num banquete, com o barulho de um cavalheiro a se banhar num banheiro cheio d'agua, mesmo... Seria, mesmo, tão ruim e tão terrivel quanto um detective entrar em uma sala com o chapéo na mão... Ou, mesmo, peor do que uma *heroina* que não quizesse saber de amor ou de filhinhos... Entendem o que quero dizer, não é?...

Temo, sinceramente, que a acquisição do som, pelas autoridades Cinematographicas, sejam, para elles, um pequeno excesso. Os productores, realmente, andam procedendo

qualquer medico menos importante: deve haver tempo e hora para tudo, neste mundo...

——oOo——

Tambem não seria tão máo, mesmo, se todos os nossos *heroes* e *heroinas* das fitas não cantassem ou tocassem com tamanha perfeição... Ronald Colman, por exemplo, em *Condemned* inicia a canção de uma marcha, razoavelmente, aliás. Mas o que não é razoavel, na verdade, é que todos cantassem com tanta perfeição e com tanta harmonia! Vozes avelludadas e unisonas. Vozes suaves e ternas... Naturalmente Samuel Goldwyn e seus companheiros temeram que, de maneira contraria, não fosse apreciado pelo publico. Mas... sabem elles, mesmo, o que é bôa musica? Não creio nisso. Pode ser, no emtanto, que me engane...

O mesmo pode-se dizer para a fitinha da Universal, *Saias a Prôa*. Mostra-nos, ella, navios de guerra de tio Sam. O navio em que se acha o *heroe*, no emtanto, é todo elle cheio de vibrantes melodias. E a *camera* nos leva, atonitos, para um passeio pelos diversos departamentos do mesmo vaso de guerra, mostrando-nos marinheiros em diversas expansões musicaes: uns cantando, admiravelmente afina-

MUSICA?...

dos, outros tocando violões com perfeição rara, saxophones, *ukeleles*, banjos, flautas, oboes, clarinetas, violinos, trombones, sousaphones e mais uma serie de cousas assim! Muitos pensarão, com certeza: "Deve ser um quadro da revista *Hit the Deck!*" Mas enganam-se... E' justamente o que o productor acha que seja uma comedia e que quer fazer passar como cousa possivel e real... A ubiquidade dos instrumentos musicaes nas fitas faladas é uma cousa definitiva e uma das maravilhas do mundo. Se um productor tem, na sua fabrica, um artista que saiba cantar alguma cousa ou tocar outras tantas, considera-o um dos mais talentosos e, naturalmente, aproveitam-no no maior numero de fitas possiveis. Imaginemos, por exemplo, o soberbo e poderoso Cecil B. De Mille sendo commentado por alguma cousa parecida com isso! Quando elle quiz alguem para cantar *How am I to know*, na prisão, na sua fita *Bonecas de Lama*, para que, depois, com a mesma melodia tivessem os heroes, no final, a sua canção thema, não se deixou elle panhar os seus gemidos em forma de *fox-trot* disfarçado...

——oOo——

Neste particular, então, a cousa mais gosada que já vi, em minha vida, foi quando da filmagem de uma determinada fita em Londres, num dos seus Studios. A historia mostrava meia duzia de homens, perdidos no Polo Norte, cercados de gelo e deserto e completamente afastados do mundo. O director achou que ali era opportunissimo collocar uma sequencia cantada, para mostrar que nem no Polo deixava o *heroe* de cantar, ainda que a paciencia do espectador já estivesse radicalmente gasta... E, ali mesmo, um dos artistas, o principal, com certeza, tornou-se artista de variedades, requisitado com instancia, pelos outros, para cantar uma canção. E mal disseram isto e já um completo e formidavel *jazz-band* iniciou um barulhento *fox trot*. E antes de cantar, o *heróe* ainda fez uma serie de negaças, segundo instrucções do director, cantando, finalmente, com a voz mais quente possivel, embora se achasse no Polo Norte...

Gosta de musica? Canta alguma cousa? Toca algum instrumento? Mas é feio? Não importa! E' aleijado? Não importa! Corra para Hollywood!!! O Cinema falado o receberá de braços abertos...

perturbar pelo facto e tratou de munir uma das cellas da penitenciaria com o seu respectivo violão. Assim, na cella vizinha a de Charles Bickford, appareceu um cavalheiro de voz de velludo, eximio tocador de violão, com a voz mais profissional possivel e somente a espera do instante de cantar...

E' por isto que é o maior dos negocios ser musical, para o Cinema falado. Mesmo que não toquem os instrumentos preferidos para determinadas occasiões, não faz mal! Basta que toquem qualquer cousa. O resto, pouco importa. Se, por exemplo, a citada scena de *Bonecas de Lama* precisasse de um piano de cauda ou de uma harpa, haveriamos de tel-os, dentro da cella, porque De Mille lá os collocaria, bastando para tanto que o *scenario* requisitasse ou o artista só fosse eximio nesses instrumentos.

Se você acha, por exemplo, que é difficil cantar sem acompanhamento, porque a sua voz pode não agradar, não se amofine por tão pouca coisa. Esteja voce aonde estiver, no deserto mais profundo, no topo da maior montanha, ou no porão de um navio, ha de haver, sempre, uma orchestra de primeira classe, symphonica, com maestro e tudo para acom-

MESMO OS ALEIJADOS PODERÃO IR PARA HOLLYWOOD...

MARION SHILLING

MARY DORAN

RAQUEL TORRES

LEILA HYAMS

GWEN LEE...

Gertie Messinger

Leila e a nova moda para o banho... de areia.

Um pouco do que eu sou

Gloria Swanson conta um pouco de que elle e diz que o factor mais importante para a felicidade é a independencia. Nem amor, nem filhos, nem lar... Mas haverá, independencia sem essas tres cousas?

— Sempre detestei ser criança. Queria crescer! Jamais me interessei pelas coisas da minha infancia. Tinha a impressão de que estava a minha existencia toda, executando um preludio interminavel, antes de entrar pela brilhante symphonia da existencia a dentro. A vida, para mim, naquelles dias de meninice, era uma cousa mysteriosa e amarga.

— Cresci, sempre, com a curiosidade ansiosa de conhecer o que é que se escondia atraz do mysterio da vida. Cousas que se escondiam sempre das crianças e que os adultos tão bem conheciam... Adultos mysteriosos, implacaveis, que, tendo as chaves do mysterio, conservavam-nos egoistamente comsigo... Os problemas que me intrigavam mais, naquelles dias, eram os de todas as crianças: a vida, o casamento, os filhos. Cousas que eram mysterios para mim.. Não sabia o que era aquillo que todos cochichavam e vivia em eterna tortura para procurar saber. Sabia, apenas, que era alguma cousa que eu não podia saber porque era criança e bem me lembro que ganhava bolos quando me tornava indiscreta... Tinha que descobrir a minha custa, era a unica sahida que encontrava.

— Nunca me interessei pelas experiencias dos outros, a menos que tambem me fosse dado *conhecer*. Eu sempre fui dada ao realismo e pouco me commovi com o romance que traçavam em torno de uma situação. Queria analysar o lado real das cousas, o lado crú.

— Nunca brinquei com bonecas. Jamais tive, quando criança, ainda, instincto maternal. Poucas vezes brincava com outras crianças. Gostava de ficar em companhia de mim propria ou, então, em companhia de adultos, dos quaes, em um instante de desleixo, eu aprehenderia muita cousa para a solução do problema mysterioso que era toda a preoccupação da minha vida.

— Apesar desta minha ansia e das conjecturas varias em que mergulhava sempre meu espirito, cresci para uma adolescencia morbidamente innocente. Lembro-me, muito bem, que, uma vez, um menino beijou-me na bocca, rapidamente, dizendo-me uma graçola. Calma e confiante, eu esperei o instante de ser mãe. Havia lido muitos romances e havia ouvido muitas conversas. Mas tudo era cousa de terceira cathegoria e, assim, apenas aprendi, de verdade, quando as cousas se deram commigo.

— Supponho que fui uma criança infeliz, sem, no emtanto, ter tido motivos para ser infeliz. Felicidade ou infelicidade, alegrias ou morbidez, para mim, nada mais são do que os rythmos das nossas proprias naturezas. Nascemos aqui ou ali, deste ou daquelle meio. Precisamos é crescer em equilibrio...

— Eu era mais uma criança introspectiva do que uma criança infeliz. As crianças desta especie, ainda que não queiram, são ligeiramente morbidas. As crianças deviam apenas encarar as apparencias externas do mundo e deixarem-se molemente levar pela vida. E, afinal, para ser infeliz, uma pessoa deve ter um motivo, a menos, que seja profundamente melancholica. Eu não tinha nada. Eu tinha o que queria e cousa alguma me prohibiam. Meus paes eram affectuosissimos para mim. Lá entre elles, tinham suas questões e não eram perfeitamente feitos um para o outro, mas isto não me feria, porque eu não presenciava nada do que se passava entre elles.

— Um dos meus prazeres, lembro-me, era ficar estirada, horas e horas, no pateo da nossa casa nas Philipinas. Olhava as estrellas, ouvia o rumor do vento nas folhas das palmeiras e experimentava uma profunda nostalgia que era indecifravel para mim.

— Quando ainda era muito criança, lembro-me, era extremamente cruel. Cruel para quem quer que fosse. Especialmente para os homens. Já era, em mim, um sentimento profundamente feminino de dominar e atormentar. Eu gostava de magoar. Eu pouco me importava com a humaninade alheia. Eu amava, odiava, soffria e sonhava, justamente porque os amores, os odios, os soffrimentos e os sonhos dos restantes seres humanos eram cousas nubladas para o meu espirito. Tudo significava alguma cousa para mim, quando tocava de perto a minha vida e affectava *a mim!*

— Se eu fazia meu *lunch* ou tomava meu chá em companhia de um homem e elle me dizia alguma cousa que eu não apreciava, eu ameaçava deixar immediatamente o meu logar se elle repetisse. E deixava, mesmo. Fosse embaraçosa como fosse a situação para mim. Eu sempre fazia aquillo que o meu primeiro impulso commandava, mesmo que fosse uma cousa que me liquidasse a existencia. Gostei, sempre, confesso, de ver os homens soffrerem.

— Durante longos annos de minha juventude, ainda soffri esta cruel influencia dos meus primeiros instinctos. Era demasiadamente egoista. Gostava de me divertir e queria, ainda, que todos os outros tudo fizessem para me divertir, tambem. Se elles não o faziam, eu... Bem! O certo é que eu tinha os meus methodos de agir, em casos assim. Eu jamais pensei que fosse preciso lutar para conseguir amor verdadeiro fortuna e posição. Pensei, sempre, cheia de vontades como era, que tudo viesse ao meu encontro, com toda a facilidade.

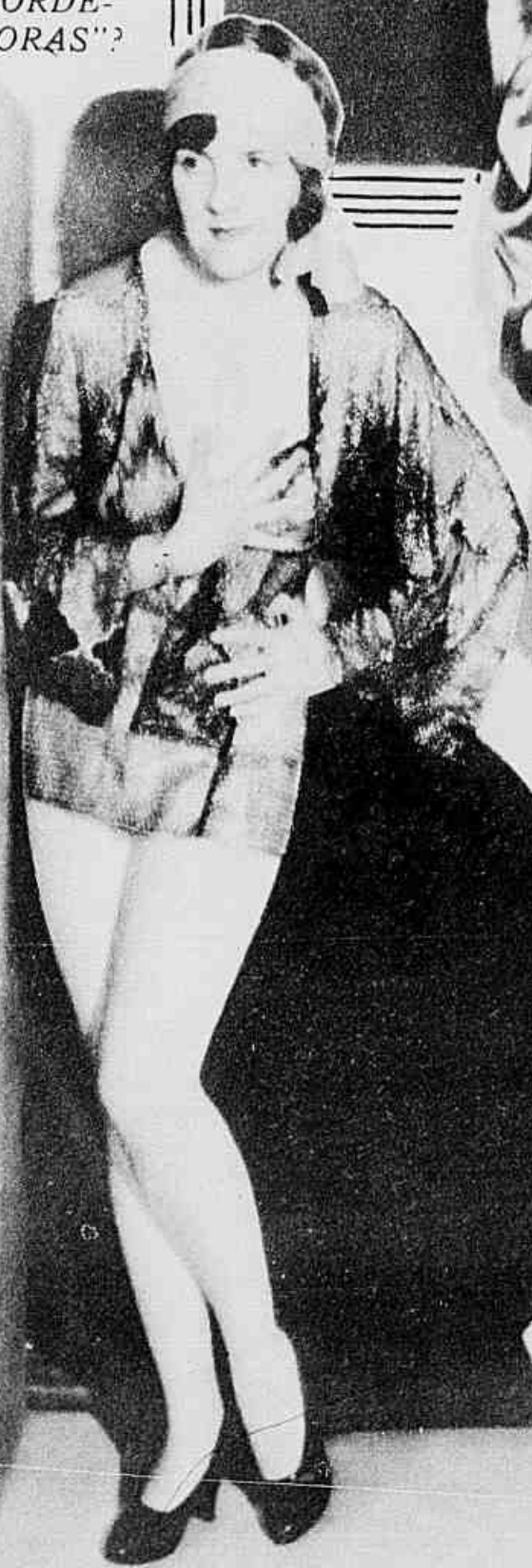
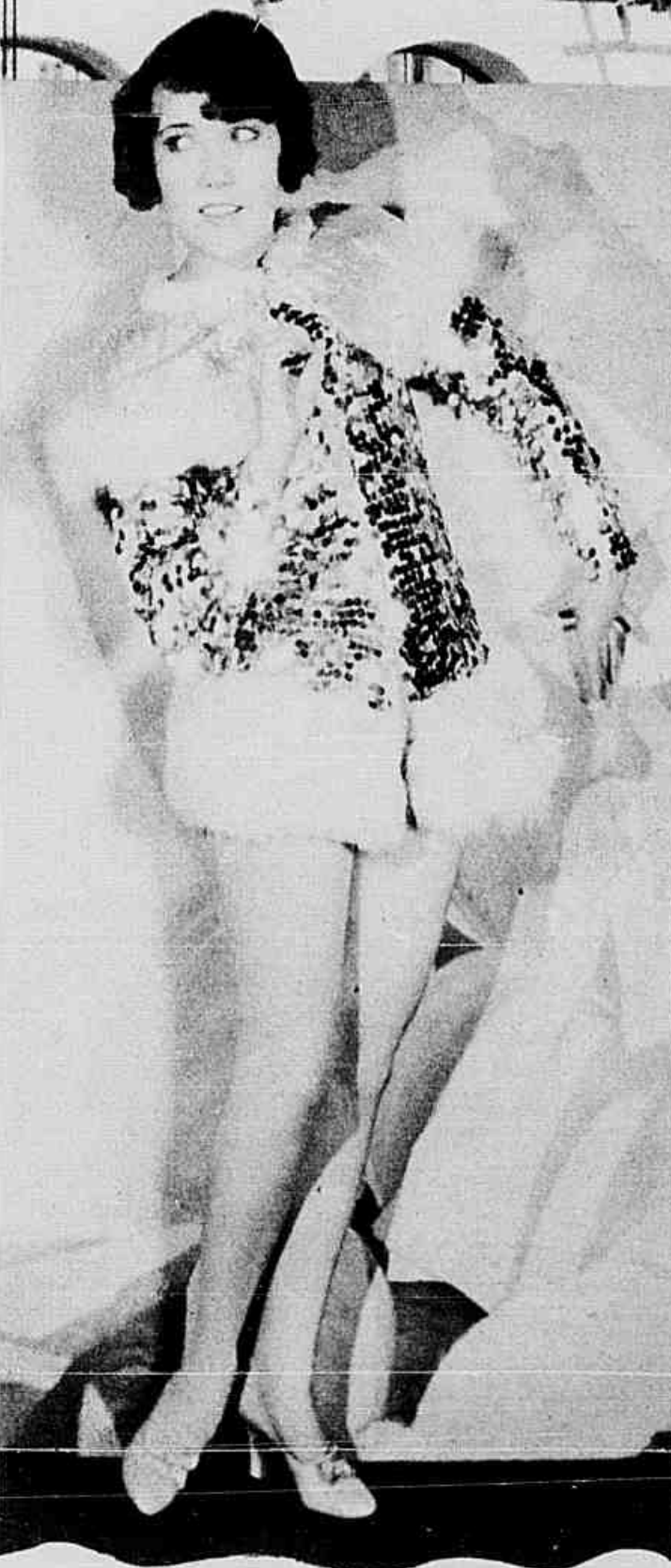
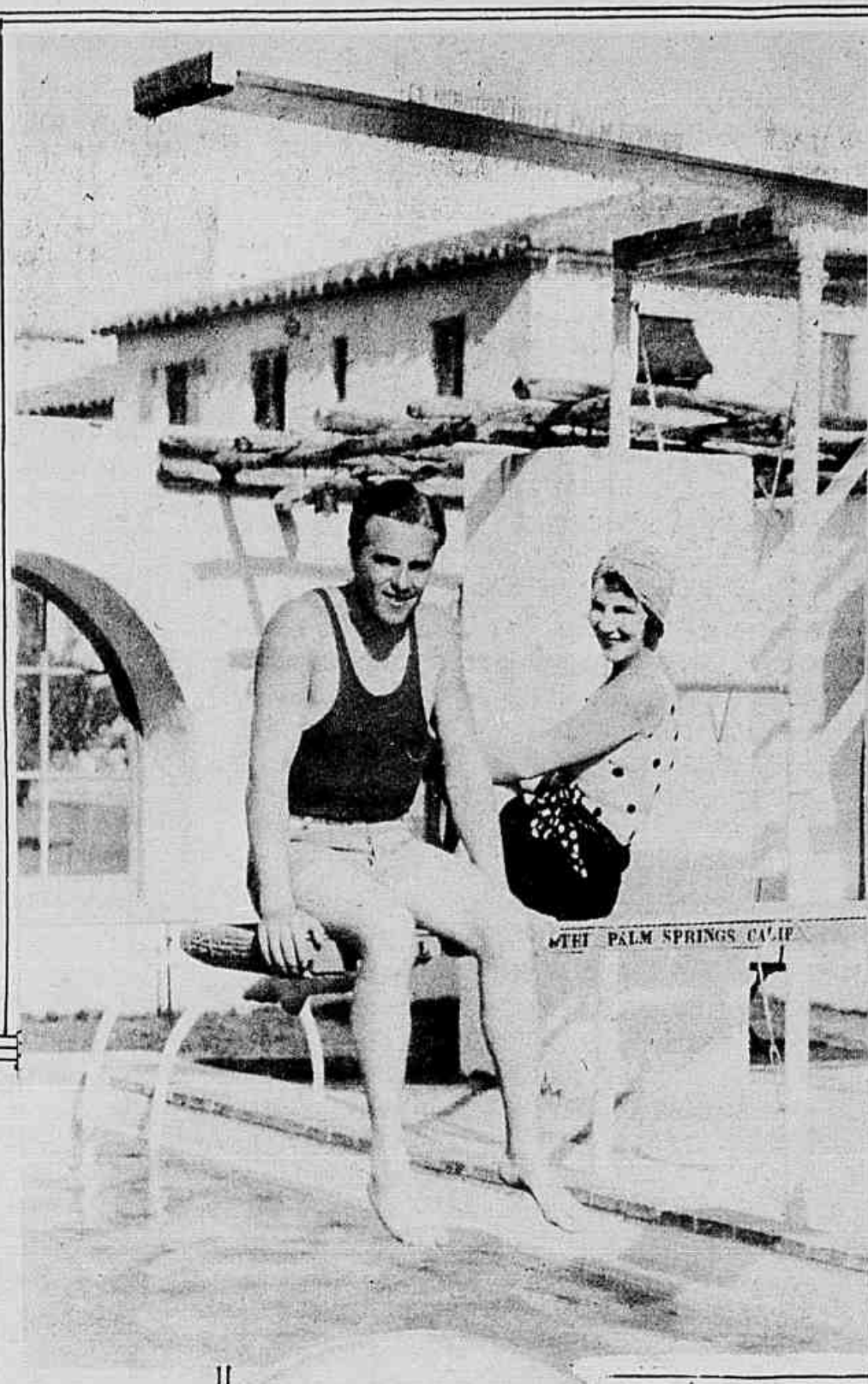
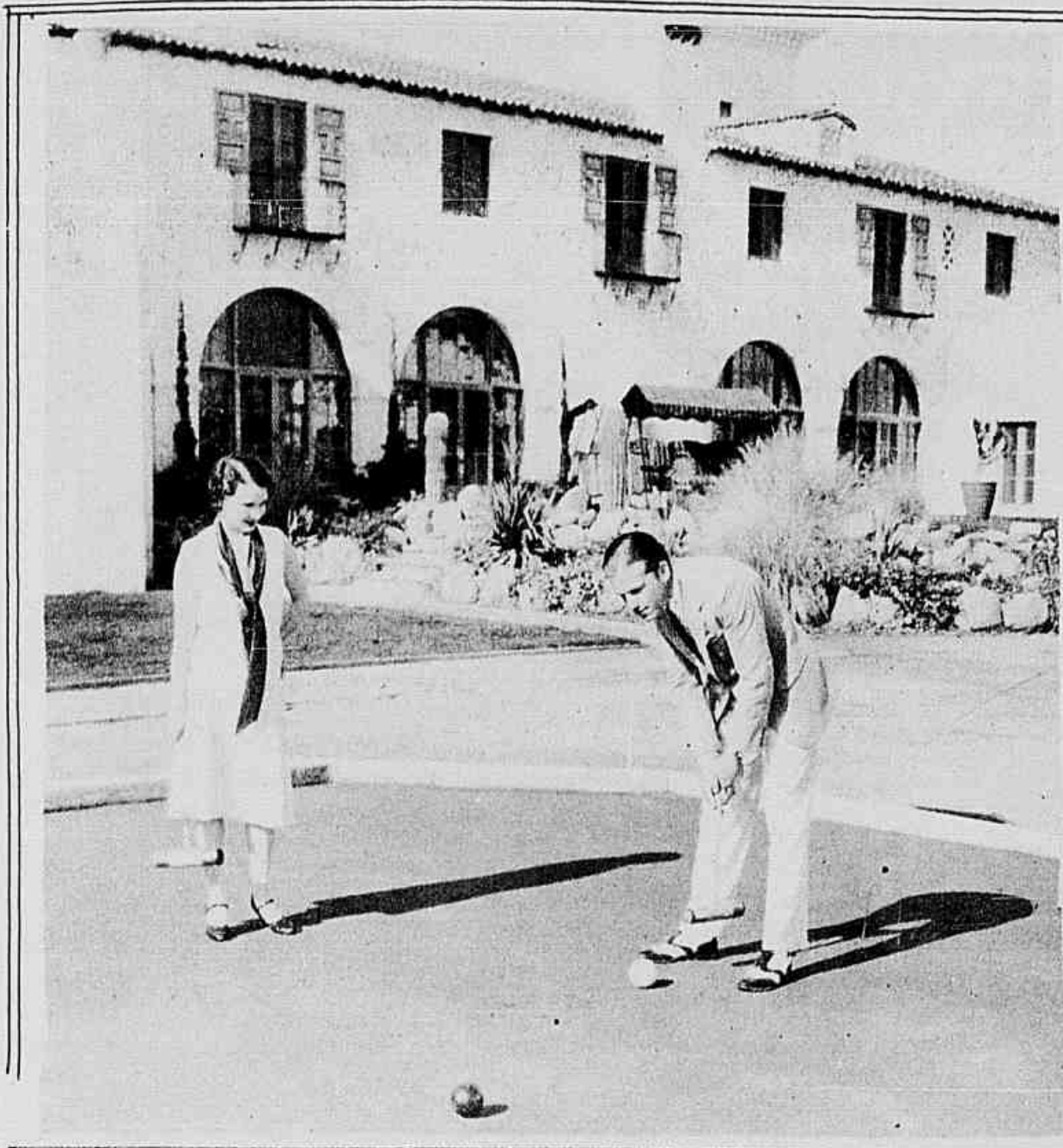
— Confiava demasiadamente em mim propria. Esperava, em todas as occasiões, que me convidassem para tomar parte nisto ou naquillo. E, quando era convidada, ainda queria ser o centro de todas as acções e de todos os acontecimentos. Se iam organizar uma representação, eu tinha a certeza de ser a *estrella* da peça e nem me passava pela cabeça a simples idéa de que dessem o principal papel a outra. Pensei, muitas vezes, que o mundo girasse ao redor de mim, pobre coitadinha...

— Eu não fui uma menina normal. Sim, jamais tive amiguinhas, e, tampouco, frequentei chás em companhia de outras crianças ou tive festas infantis, tambem.

— Descuidada, na extensão da palavra, eu nunca fui. Excepção feita do periodo que mediou, breve, na minha vida, entre meu primeiro casamento e meu primeiro divorcio. Ahi, durante mezes, eu me mantive absolutamente descuidada e fui, em parte, o que são todas as meninas que se estão fazendo mulheres, na passagem da infancia para para a juventude.

— Descubro, agora, que mudei terrivelmente! Não desculpo mais os meus proprios caprichos. Naquelles tempos de que falei agora mesmo, pouquissimo pensava em gastar 400 dollares por um vestido que me agradasse, já que elle me apetecia. Eu, tambem, achava a cousa mais simples do mundo comprar um automovel, ainda que ficasse crivada de dividas.

(Termina no fim do numero).

Winnie
Lightner
VIRAM
"AS
MORDE-
DORAS"?

MATARAM
JOHN
GILBERT.
VEIU, ENTÃO,
ALEXANDRE,
O GRANDE
TENOR...
E O
CINEMA
FALADO
NÃO TEM
VOZ ACTIVA
DIANTE A
VERDADEIRA
ARTE DO CINEMA...

Alexandre Gray e Bernice Claire...

A TELA EM REVISTA

PALACE-THEATRO

D. JUAN DO MEXICO (Under a Texas Moon) — Warner Bros. — Producção de 1930. (Programma First National).

A melhor fita que Michael Curtiz já dirigiu. Levada para o lado da satyra a certos costumes hespanhóes e ás canções themas das fitas sonóras, tem trechos realmente interessantes. Pena é que Frank Fay, o principal artista, seja máo e não convença.

O colorido é o de sempre, mas a musica thema é acceitavel, embora demasiadamente repetida, para effeitos da historia.

São bonitos os aspectos mexicanos focalizados e criticados, tambem... Raquel Torres, Armida, Myrna Loy, Mona Maris e Betty Boyd são as pequenas que ouvem a mesma musica e as mesmas palavras amorosas. Elle termina com Myrna Loy. O trecho que se passa com Mona Maris tem observação e foi feliz. Raquel Torres, soffrivelzinha. Armida, idem. Myrna Loy, da mesma fórma. Noah Beery é que está excellente, num papel que sempre lhe cabe bem.

Ha bastante malicia nos dialogos e alguns trechos são picantes, mesmo, aspectos estes que o Cinema, ultimamente, vem herdando do theatro, pórque, bem disse Mack Sennett, a graça, agora, não é mais representada: é falada. E, assim, é preciso que ella seja bem "falada" para que se percebam as intenções...

Se não fossem Frank Fay e Myrna Loy, o film seria bem melhor.

COTAÇÃO: 7 pontos.

☧ Como complemento, um "short" falado e "boxeado" com o campeão mundial de box, o allemão Max Shmelling, soffrivel, diga-se e um desenho animado synchronizado, da Warner, tambem, que teve seus momentos felizes, sem ser dos melhores.

ODEON

MARIANNE (Marianne) — M G M — Producção de 1929.

A fita tinha duas versões. A falada e a silenciosa. Annunciou-se a silenciosa, primeiramente, com Oscar Shaw como galã, Robert Castele em lugar de George Baster, Robert Ames em lugar de Cliff Edwards, Mack Swain em lugar de Robert Edeson e a mesma direcção de Robert Z. Leonard. Mas... exhibiu-se aqui a versão falada... porque era melhor.

Marion Davies, como francezinha perdida entre americanos da grande guerra, immita Maurice Chevalier, cantando canções suas recentissimas e, ainda, outras, como Sarah Bernardt, etc. Mas... Lawrence Gray, cantando bem, é um galã soffrivel. Ukelele Ike, ou seja, Cliff Edwards, bom comico e excellente cantor comico. Benny Rubin, o peor comico do mundo. Não é dessas fitas que merecem sacrificios para se ver. Mas é supportavel, perfeitamente.

COTAÇÃO: — 6 pontos.

IMPERIO

BURLESQUE (The Danse of Life) — Paramount — Producção de 1929.

A Paramount diversas vezes ensaiou a exhibição desta fita. Agora, finalmente, resolveu-se.

Argumento de bastidores, conta, mais uma vez, as lagrimas e as alegrias de artistas de theatro "burlesque". E' uma historia que tem algum valor humano, apenas prejudicado por ser assumpto tão batido, embora com angulos originaes e ter em seu principal papel uma creatura tão pouco photogenica quanto Hal Skelly. Felizmente, porém, já não se acha mais com a Paramount e, tampouco, apparecerá em outras fitas, a não ser as que já fez.

Elle já fez este mesmo papel no palco, milhares de vezes e, assim, o que muitos podem attribuir á arte, nada mais é do que mechanização. Nancy Carroll é que eleva um pouco o valor da fita com a sua sympthia e seu desempenho sincero. E' uma interessante artista e uma figurinha das mais sympathicas do Cinema. Dorothy Revier apparece, mais ou menos adaptada e representando bem e, ainda, Al St. John, James Farley e George Irving. John Cromwell e Edward Sutherland produziram uma direcção com altos e baixos. A peça de George Manker Watters e Arthur Hopkins, teve adaptação de George Manker Watters.

COTAÇÃO: — 5 pontos.

☧ Passou em "reprise" o film "A maravilhosa mentira de Nina Petrowna".

PATHÉ-PALACE

O PERSEGUIDO (Hide Out) — Universal -- producção de 1930.

James Murray e Kathryn Crawford são o casal da fita. Elle, sympathico e representando mais ou menos bem, e ella, um pouco mais bonita. Lee Moran é um reporter destemido. Robert Elliott, mais uma vez, detective. O detalhe das algemas, na scena das regatas, bom. E, por falar nellas, estão muito bem apresentadas. Um bom complemento de programma. Jackie Hanlon, Frank Campeau e George Hackathrone tambem appareceu.

COTAÇÃO: — 5 pontos.

☧ Passou em "reprise" o film de Reginald Denny, "Sorte Grande".

FORASTEIROS NA ESCOCIA (The Cohens and Kellys in Scotland) — Universal — Producção de 1930.

Charles Murray Kelly e George Sidney Cohen, com suas respectivas esposas, Vera Gordon Cohen e Kate Price Kelly, na Escocia, em aventuras sobre a compra e a venda de ultimos modelos de saiotes nacionaes. A comedia é demasiadamente exaggerada e o publico absolutamente já não se interessa mais pelas aventuras desses dois homens "engraçados". Era toda falada.

COTAÇÃO: — 5 pontos.

NOITE DE IDYLLIO (One Romantic Night) — United Artists — Producção de 1930.

Versão "muda" da primeira fita falada de Lillian Gish. Esta historia, ha annos, foi filmada com Adolphe Menjou no papel de Rod La Rocque e Ricardo Cortez e Frances Howard nos de Conrad Nagel e Lillian Gish, respectivamente. Chamava-se "The Swan", a fita e Dimitri Buchowetzki a dirigiu.

Lilian apresenta-se, desta feita, em um genero totalmente diverso do seu. Sim, pois trata-se de uma comedia dramatica, de assumpto sentimental e não explorando aquelles assumptos morbidos que sempre foram a sua especialidade. Não a apreciamos, francamente. Preferimol-a em "Letra Escarlate" ou "La Bohême". No emtanto, é sempre uma suave princezinha que não sabe a quem dar seu coração. A fita é mais ou menos bem dirigida por Paul L. Stein e o seu elenco todo, exceptuando Rod La Rocque, um tanto ou quanto exaggerado, vae bem. Marie Dressler está esplendida Conrad Nagel, usualmente. Podem ver a fita, que é acceitavel e não chegará a aborrecer ninguem. Argumento tirado da peça de Frenć Molnar, com adaptação de Melville Baker. Barbara Leonard e Albert Conti figuram, tambem.

COTAÇÃO: — 6 pontos.

ENTRE PORTAS FECHADAS (The Locked Door) — United Artists — Producção de 1930.

Versão "muda" da fita falada que é a versão de um antigo successo silencioso de Norma Talmadge, no qual tambem haviam tomado parte Lew Cody e Chrales Richman. Nesta versão, os papeis couberam a Barbara Stanwyck, Rod La Rocque e William Boyd (o do palco!) A fita não é das peores. Apesar de não ser aquillo que todos desejariam apreciar, é soffrivel e faz passar o tempo que se perder, assistindo-a. A direcção de George Fitzmaurice, sem aquelle seu colorido conhecido e admiravel, deixa-se ficar muito na feição theatral do assumpto. Barbara Stanwyck é que é uma figurinha que ficará no Cinema. Tem "it" e é realmente interessante. O seu sacrificio por Betty Bronson é esperado e é conhecido... O arrependimento de Rod La Rocque é forçado. William Boyd, de facto, é o William Boyd theatral, mesmo. Betty Bronson é a "ingenua" que está para cahir nas garras do "villão".

Mack Swain e ZaSu Pitts figuram. Assumpto tirado da peça de Channing Pollock, com scenario de C. Gardner Sullivan.

COTAÇÃO: — 5 pontos.

CAPITOLIO

AS MULHERES AMAM OS BRUTOS (Ladies love Brutes) — Paramount — Producção de 1930.

Quem assistiu "Paixão e Sangue", "Cartas na Mesa", "Dócas de New York", "Super Homem" e outras fitas esplendidas umas e formidaveis, outras, com George Bancroft no principal papel, não se póde conformar, é evidente, com a sorte de papeis que elle tem tido, ultimamente, depois que enfrenta o microphone. "Lobo da Bolsa", todo falado, foi uma prova do que estamos affirmando. Fita fraca, inconsequente e absolutamente adversa aos principios que eram a base das fitas de Bancroft: acção em quantidade e assumptos humanos, fortes e tratados na fórma mais intelligente e mais Cinematographica possivel. "O Homem de Marmore" (Thunderbolt), ha pouco exhibido no Iris em versão "muda", "O Poderoso" (The Mighty), que ouvimos e vimos na curta temporada ingleza do Imperio,

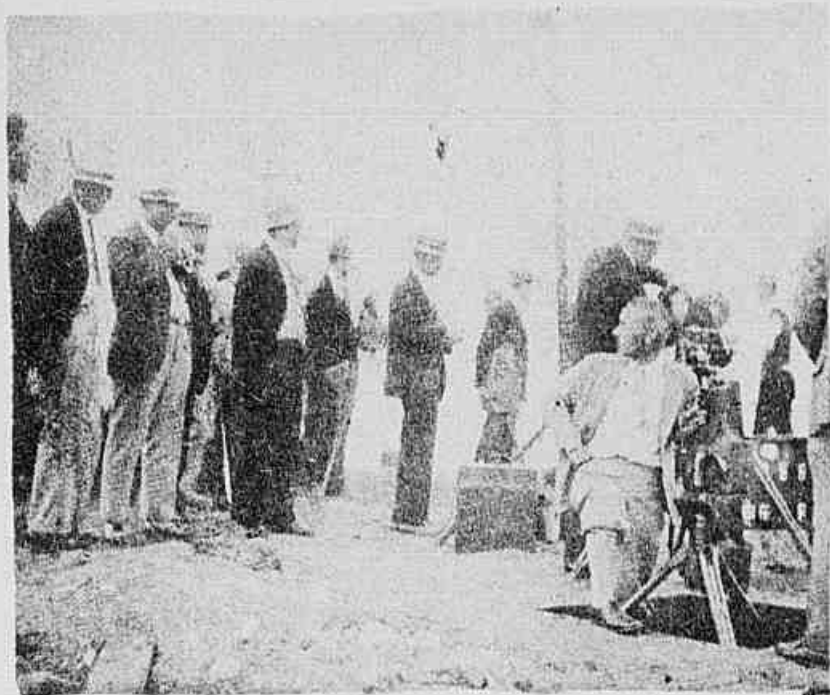
(Termina no fim do numero)

As damas acabam por não amar Bancroft...

Outras photographias novas de Bessie Love

Em pleno verão da California...

CINEMA DE *Amadores*

DE SERGIO BARRETTO FILHO

Os convidados e photographos que compareceram ao espectaculo

A MINIATURA

Como é sabido por todos os amadores, hoje em dia, os grandes studios do Cinema Profissional, estabelecidos em Hollywood ou na cidade de New York, costumam manter uma certa quantidade de collaboradores na factura dos seus films, verdadeiros artistas bem pagos, especializados na realização do que se chama "a miniatura". O dever desses "miniaturistas" consiste em preparar uma réplica, uma reproducção diminuta, de montagens exigidas pelo scenario, porém, muito expensivas ou muito difficeis para serem construidas na realidade.

O custo de um naufragio verdadeiro, de um yacht a vapor, proprio para cruzeiros em alto-mar, afundando-se desarvorado no meio de uma terrivel tempestade nos tropicos, chegaria certamente a cem mil dollares. Tomando-se o dollar ao cambio actual, isto é, nove mil e oitocentos réis, teriamos novecentos e oitenta contos de réis, gastos pela companhia que desejasse filmar a scena, com apenas alguns metros de film, talvez insignificantes, mais tarde, para o publico! Para fazer um automovel de corrida espatifar-se durante uma manobra mal feita, ter-se-ia que tomar em conta, não somente a perda total do carro, como tambem o perigo de vida em que ficaria o melhor e o mais altamente pago dos corredores de profissão. Assim pois, sem o minimo perigo, sem o obstaculo causado por accidentes, essas montagens que seriam impossiveis de filmar na realidade, como a explosão de um deposito de dynamite, ou a reproducção de toda uma cidadezinha localizada em um paiz imaginario, são preparadas por esses homens, e mais tarde, por meio de um cuidadoso trabalho "de laboratorio", como se diz, são reproduzidas sobre a scena, onde os actores se movimentam na realidade. Tão perfeito é esse trabalho, que poucos, muito poucos entre o publico, percebe a differença.

Afim de provar que esses "trucs" de Cinema não estão fóra da alçada dos amadores, Burton Cutler, amador americano do Estado de Massacusetts, um rapaz de dezoito annos de idade, conforme dizem as noticias, construiu uma das montagens em miniatura mais perfeitas de que se tem tido noticia, fóra de Hollywood e seus studios de profissionaes. Cutler constuia a montagem sózinho, sem o auxilio de quem quer que seja, usando um material apanhado aqui e acolá, sahindo o custo total, no emtanto, devido ás tintas, soldas, e vernizes empregados, por uns 50 dollars, o que equivale a dizer uns 490 mil réis na nossa moeda, e ao cambio actual!

Cutler dispoz-se á realização da sua miniatura depois de ter feito uma visita aos studios cinematographicos californianos, com intenções de tornar-se, elle proprio, um productor de films cinematographicos para amadores. A construcção da montagem em miniatura tinha por fim provar a sua propria capacidade, em determinado ramo, e demonstrar aos directores profissionaes que elle estava perfeitamente habilitado para uma posição naquelles studios.

O assumpto escolhido, como seria natural, foi um desses terrenos petroliferos, tão communs na California. Uma miniatura desse genero permittia a filmagem de operações sobre uma area bem larga, e além disso uma quantidade enorme de effeitos, mostrando a perfuração do sólo, o encontro do veio de petroleo, e o esguicho do precioso combustivel, saltando acima dos perfuradores, consequencia natural da pressão subterranea, como é do dominio de todos.

O resultado

Cutler imaginava apresentar os poços de petroleo devorados por um incendio; um campo de petroleo apresentado nessas condições seria não só um espectaculo emocionante, como tambem daria ensejo ao aproveitamento de maior metragem, do que um simples e rapido desastre ferroviario, ou um pequeno naufragio.

Quando a miniatura do campo petrolifero ficou prompta, a sua perfeição era completa, desde que fosse photographada de um certo e determinado ponto de vista.

Seis modelos de perfuradoras, feitas de madeira, variando em altura de uns tres a quatro e meio pés, isto é, entre 90 cms. e 1m,35, foram collocadas firmemente no campo escolhido para se fazer a montagem para o film de amadores.

Construidas de madeira com o maximo cuidado, ellas foram modeladas pelas perfuradoras que se encontram nos terrenos petroliferos de Santa Fé, na California. Ao

Burton Cutler, ao preparar a sua miniatura

pé de cada uma dellas foi collocada uma casinha de madeira que continha uma pequenina machina a vapor, arranjada de modo a dar a impressão, o mais proximo possivel da realidade, de uma machina real, dessas empregadas nos poços de petroleo.

Afim de assegurar o maximo realismo, Cutler preparou varias peças arredondadas, tambem de madeira, que representam os tanques de oleo, e que fazem parte de todos os campos petroliferos desse genero.

Depois de tel-os pintado com um verniz de aluminio, desenhou sobre os mesmos, com tinta preta, varios numeros de ordem, e uma porção dessas marcas registradas, taes como uma estrella de cinco pontas no centro de um circulo. Em cada um desses tanques, elle collocou séries de taxas de cobre, para darem a impressão de que realmente o tanque havia sido fabricado de ferro. As torres das perfuradoras foram pintadas de negro. Por ultimo, espalhou-se no sólo uma grande quantidade de oleo, de modo a reflectir as torres, e mostrar melhor, assim, a altura dellas.

Isto quanto á montagem. Agora, para dar margem a uma metragem mais desenvolvida, e não apenas a uns simples panoramas de uma miniatura excellente, porém sem vida, Cutler recorreu á sua imaginação. As scenas de mais acção que se podiam realizar eram indubitavelmente, as do esguicho de petroleo, demonstrando o encontro assim de um veio rico, e depois, as de um poço de petroleo ardendo em fogo.

Todo frequentador dos nossos cinemas já deve ter apreciado esse espectaculo em qualquer um desses jornaes cinematographico, e deve conhecer perfeitamente a furia devastadora de um incendio declarado num terreno petrolifero.

Era muito simples preparar o esguicho do petroleo, saltando acima das torres, com o encontro do veio, depois de semanas e semanas de trabalho com as perfuradoras. A unica coisa que havia a fazer era construir uma canalização de tubos de ferro, até debaixo das mesmas torres, ligada a um pequeno reservatorio de combustivel, controlado por uma pequena bomba de pressão conveniente.

O trabalho de fazer os poços incendiarem-se, resultando numa fumaceira negra o mais real possivel, porém que não obstasse á illuminação da montagem, era no emtanto o mais difficil de se realizar. O fumo, impossivel de se obter com o combustivel ordinario, foi provocado por um preparado chimico á base de hydrocarbureto, o qual deu como resultado uma fumaça densa, negra, tal como se desejava. Para se fazer com que o fumo revoltasse no ar, collocou-se um pequeno ventilador electrico fóra do campo das camaras, porém perto bastante das torres, de modo a attingil-as convenientemente. E para dar a impressão das explosões luminosas, Cutler preparou fitas de magnesio, desse mesmo preparado de magnesio em folhas que a Kodak fabrica para os photographos amadores, pelo lado de dentro das torres. Ao pé de cada poço estava um reservatorio-miniatura de gazolina, o qual se destinava a alimentar a incendio convenientemente. Por fim, ligaram-se varios fios electricos com os accumuladores de diversos automoveis, destinados a provocar o incendio por meio de scentelhas electricas.

Ao fecharem-se os commutadores, iniciou-se assim um incendio, num campo petrolifero, o qual, sob um determinado ponto de vista, chegou a rivalizar o mais perigoso e o mais devastador de todos os incendios de verdade, surgidos até hoje nos terrenos petroliferos da California.

Com duas camaras instaladas dentro de trincheiras, perto do campo, e preparadas afim de photographar em panorama, e automaticamente, diversas vezes a miniatura foram apanhadas diversas centenas de metros de film, os quaes, devido ao realismo dos effeitos obtidos, podiam ser intercallados em qualquer jornal como sendo vistas de um incendio real, num poço de petroleo. Parece que mesmo os miniaturistas mais especializados, trabalhando com toda a liberdade para um studio cinematographico, não seriam capazes de realizar uma miniatura desse typo, mais perfeita e mais completa.

Assim mesmo o custo total foi insignificante. Cutler diz que os cincoenta dollars cobriram todos os seus gastos.

(Termina no fim do numero)

CAMILLA HORN

GERTRUDE OLMSTEAD

PINTANDO

AS ESTRELLAS

FÓRA DA

TÉLA...

MARY

ASTOR

MAC
FACTOR
E'
O
HOMEM
QUE
PINTA
O
DIABO
COM
AS
ESTRELLAS

ANN E LILLIAN ROTH...

PREPARANDO
DOROTHY MACKAILL

JACK OAKIE,

a nova celebridade de Hollywood...

O Cinearte Album de 1931 está formidavel.

Marion
Schilling
e
Marcia
Manners

Conselhos de Ramon para vencer no Cinema

(FIM)

tanto, é que o bom trabalho é sempre bem recompensado. Assim, um trabalho ordeiro, normal e consciencioso, encontrará echo. Eu começei como bailarino de 3ª cathegoria. Depois passei a primeiro bailarino. Fiz-me artista de Cinema e, depois, sempre consegui bons papeis. O publico favoreceu-me com seu applauso e me fez subir, sempre e sempre. Mas antes de chegar a isso tambem soffri minhas desillusões e passei muitos instantes de amargura.

— Vencer, no Cinema, é a mesma cousa que vencer, na vida, em outros ramos da actividade humana. Ha trabalho, ha estudo, ha paciencia e submissão. O operario obedece o patrão. O patrão obedece o freguez. O *extra* obedece ao *astro*. Este ao director e ainda aquelle ao productor e este, por sua vez, ao publico, senhor absoluto de tudo. Tendo qualidades para o Cinema, aconselho-o a tentar o Cinema. Mas com calma, sem precipitação e, principalmente, vendo se tem com que se sustentar antes de se entregar ao trabalho de procurar trabalho...

O amor para mim...

(FIM)

— A razão pela qual eu quero sempre meu marido em actividade e mostrando-se procurado por outras pequenas, é porque eu o manterei constantemente mobilizado. Isto é: viajaremos. Viveremos, mezes, em paizes absolutamente estranhos. Encontrar-nos-hemos com creaturas as mais exquisitas e mais exoticas. E ahi é que lhe mostrarei a força do meu dominio sobre elle...

— O amor, para mim, significa casamento, é logico. E casamento, para mim, significa DINHEIRO, é evidente. O homem que me conquistar e com o qual eu me case, deve ser muito arguto e muito perspicaz, em tudo. Já tive occasião de me casar com um millionario, depois do meu divorcio do primeiro. Mas, isto significaria que teria de abandonar minha carreira, novamente e, assim não me convinha. Quero independencia financeira.

— Quero o amor, para ter paz, socego de espirito e quando o tornar a encontrar, garanto que não mais o deixarei ir... Preso mais uma grande amisade amorosa, muito longa e muito terna, do que toda a paixão e todo o amor furioso que porventura appareça.

— Já deixei o Cinema, uma vez, por amor. Se encontrar o homem que amo, realmente, ainda que me custe muito, *deixarei de novo* a minha carreira. Porque, antes de mais nada, creio, mesmo, que o amor é a razão de ser de todas as vidas humanas. No emtanto, garanto-lhes que, para mim, jamais o amor significará lagrimas, coração partido ou cousas semelhantes. Conheço as cousas e hei de guiar as situações até que consiga: amisade sincera, comprehensão mutua e senso de humorismo, apenas...

— Nada de lagrimas! Basta! Risos e sorrisos, isto sim...

Um pouco do que sou

(FIM)

das e não tivesse dinheiro para solvel-as. Hoje, no emtanto, eu pensaria maduramente para fazer a mais simples compra. Para comprar um novo automovel ou uma joia que me apetece, eu penso longamente, maduramente. Procuro me cercar, hoje, de apenas tudo que seja necessario para a vida diaria. Não tenho sido muito cuidadosa com minha casa, ultimamente, por causa disso, justamente: motivo de gastar cousas excessivas e inuteis.

— Conquistei o temor que me faltava para viver melhor!

— Esta é a maior descoberta que já fiz de mim propria. Agora, lidando commigo propria, tenho, muitas vezes, gasto horas e horas, temerosa, pensando sobre perguntas e respostas que devo fazer aos productores ou que elles me façam. Neste nosso negocio, a politica a empregar é o pouco caso, ainda que se esteja querendo muito...

— Descobri, tambem, que, agora, já sei o que é a mais importante cousa de minha vida. Nem amor, nem filhos e nem um lar. Apenas a *independencia!*

— Sim, independencia! Absoluta, radical! Financeiramente, antes de tudo. Não existe outra cousa que possa fazer alguem mais feliz sem existir isto.

— Quero ser livre. De tudo e de todos. Quero ter a suprema independencia de poder dizer, quando me aprouver: "Vou agora passar tantos mezes em tal lugar!" E se alguem perguntar aonde, poder responder, sempre livre: "Ora... Para a China, para a Nova Zelandia, para o Polo Norte, talvez...". Quero ser *realmente* livre. Porque, para mim, agora que a comprehendo, a liberdade é a propria vida.

— Descobri, tambem, nos meus novos sentimentos, que me tenho tornado mais modesta de desejos e mais simples em paladar. E' signal que estou ficando mais mulher do que eu penso, realmente. Já sinto prazer com as cousas que compro e sei apreciar aquillo que me dão como presente.

— Agora, pela primeira vez em minha vida, já sinto prazer em um passeio de automovel, ao luar, pelas praias mais bonitas ou então, ver o pôr do sol, ao lado de uma lagôa romantica. Sei apreciar isto, hoje, quando jamais fui dada a estes sentimentalismos.

— Pouco me divirto, realmente. São raras as festas que me vêm entre os convidados. Prefiro jogar tennis ou reunir um grupo de bons amigos e prozear, numa praia, vendo cahir o dia. Uma cousa que muito me diverte, cousa engraçada, são crianças brincando ou aprendendo a ler e escrever...

— Para ser sincera commigo propria, não posso fugir de dizer que eu aprecio immensamente as cousas simples, modestas. Não me dou bem com cousas complicadas...

— Deixei de fazer á mim mesma perguntas sobre isto ou sobre aquillo. Deixei de ler livros de philosophia, psychologia, religião e outras cousas assim. Sempre procurei, numa ansia louca, saber de onde vinha e porque eu existia, realmente. Mentalmente e espiritualmente, eu me torturava bastante com essa angustia terrivel. Agora, contento-me com uma cousa: saber que sou Gloria Swanson, mesmo, e viver minha vidinha, socegada e feliz, sem mais perguntar nada e apenas querendo saber da minha propria simples existencia.

O casal feliz...

(FIM)

companhia de outra mulher. Numa maneira de falar, Hollywood casou-nos, no sentido em que o mundo comprehende a palavra casar — e em Hollywood, alem disso, tornavamo-nos propriedade do mundo, fazendo fitas. O mundo sempre, espera que o casamento venha depois do amor. Amando uma profissão de contacto absoluto com o publico, tinhamos entregue, portanto, nossas vidas ao mundo e ás convenções.

— E, assim, casaram-se Edmund Lowe e Lylian Tashman, da mesma fórma que se casariam Johnny Jones e Jenny Smith. Isto é. Falaram as mesmas palavras do estylo e responderam ás mesmas perguntas do habito. De coração, porém, eu sabia que o *nosso*, não era apenas um *outro* casamento. Eu nada precisava dizer a Eddie. Elle sempre me comprehendeu profundamente bem. Mas se eu houvesse falado, minhas phrases teriam sido estas: ""Agora, Eddie, não estamos mais casados, por termos ouvido as palavras de um sacerdote, do que estariamos, meu amigo, se nos houvessemos ligados pela religião da profunda amisade que nos liga. Se houver, na vida, uma epocha que mostre, claramente, que já não somos mais feitos um para o outro, que não somos mais felizes, devemos nos separar, meu querido, porque não mais existirá casamento aonde não existe mais comprehensão, interesse e amor. O verdadeiro casamento é aquelle que está no coração e não na bocca, pronunciando palavras para um juiz de paz... Financeiramente, não dependo de ti. Não precisas, jamais, ter por mim piedade, pena ou aborrecimento. Devemos acalentar o amor, isto sim. Tendo-o sempre moço, seremos felizes. O resto, pouco importa. Quero ser tua esposa. Mas, antes disso tudo, quero ser a mulher que voce escolheu livremente, entre todas as outras mulheres do mundo, para ser a sua companheira de sempre. Eu não quero ser uma *responsabilidade*. Jamais serei absolutamente feliz se não existir, entre nós, absoluta dependencia mutua. A lei garante-me certos direitos sobre tua vida. Não os quero, a menos que tu expontaneamente os repartas commigo."

— O dia em que eu cessar de ser namorada, cessei de ser esposa. A unica cousa que peço em tróca do nosso casamento, é individualidade. Quero ter direito aos meus proprios pensamentos, ás minhas proprias opiniões e ás minhas crenças particulares. Procurarei, no emtanto, ser attractiva sempre e o quanto mais possivel. Tanto tempo, é logico, quando seja necessario para comprehendermos que precisamos mutuamente um do outro.

— Se alguem se admira, por acaso, de, jamais, boatos de divorcio terem maculado a felicidade do nosso casamento, deve ter a certeza de que isto é fruto, apenas, da sorte de vida que levamos e deste mutuo e simples entendimento que existe entre nós.

— Como esposa, jamais permitti a Eddie apanhar-me desleixada ou pouco agradavel para os olhos. Se é verdade que os meus vestidos deram-me, sempre, a fama de ser uma das mulheres razoavelmente vestidas, em Hollywood, o segredo desse acuro de elegancia é apenas um: o desejo que tenho de sempre agradar e sempre fascinar um homem, aquelle que amo!

— Se tenho sido, sempre, uma ambiciosa de conversas e discussões sobre romances, livros de literatura ou peças de theatro e fitas bem feitas, é, apenas, porque gosto de discutir taes cousas com meu marido, á altura dos seus finos conhecimentos.

— Não quero ser a *queridinha* do homem que amo. Quero ser a mulher que elle ame. Mas ame com paixão e interesse, com ardor e eterna novidade

— Se isto tudo é theoria de amor de experiencia, então acceito a definição porque, afinal, estou tendo um casamento de experiencia... legalisado!

— O — O — O — O — O — O — O —

A First National tem, em confecção, 15 versões estrangeiras de fitas originaes suas. Preparemo-nos para ouvir 15 fitas com Antonio Moreno, Maria Calvo, Lupita Tovar e outros, inclusive o fatal De Segurola... As fitas em hespanhol, com a pouca variante dos seus elencos, parecem-se bem com temporadas de companhias theatraes: diversas *peças* e um só elenco...

The Dove, que Norma Talmadge ha annos fez, com a direcção de Roland West e Gilbert Roland como galã, vae ser refilmada em versão falada. Dolores Del Rio será a heroina, Walter Huston uma das figuras principaes masculinas e Thornton Freeland o director.

Offerecida pela Empresa Almanak Laemmert, Ltda., acabamos de receber uma collecção completa do antigo e conhecido "ALMANAK LAEMMERT" (Annuario do Brasil), fundado ha 86 annos e editado pela mesma empresa.

A presente edição é composta de quatro grossos volumes encadernados em percaline e contém as mais recentes informações commerciaes, industriaes e profissionaes da capital do Brasil, seus Estados e territorio.

A importante e vultosa obra, com mais de 6.000 paginas, acha-se assim dividida: 1º volume, Districto Federal; 2º volume, Estado de São Paulo; 3º volume, Estados do Norte, e 4º volume, Estados do Sul.

Cinema de Amadores

(FIM)

Naturalmente devemos acreditar nessas asserções. Quanto poderia custar uma pequena machina a vapor, de brinquedo? E isto não foi o principal para a sua miniatura.

Alguns metros de cano, algum material chimico, alguns litros de petroleo crú, algumas folhas de magnesio teriam sido as unicas compras a fazer.

Os resultados foram extraordinarios, como mostra a photographia que acompanha este artigo. Além disso, houve uma larga publicidade local, e todo jornal, alli por perto, no Massachusetts, "enguliu" as noticias como reaes e verdadeiras. Uma verdadeira multidão de convidados esteve presente ao espectaculo.

E' indiscutivel que a imaginação e um trabalho cuidadoso são os unicos requisitos de que um amador precisa para executar desses emocionantes espectaculos. E' possivel provocar desastres de todas as categorias, usando miniaturas tão perfeitas e tão completas como aquellas contruidas pelos maiores studios do Cinema Profissional desde que o gastar algum tempo, a usar um pouquinho do seu proprio esforço, e a gastar uma insignificancia do seu proprio dinheiro.

O que as mulheres querem saber...

(FIM)

tras, sobre o melhor modo de manejar um lar. E, independentes financeiramente, existem algumas que querem saber como é que elles combinam a divisão de despezas. E' o marido ou a mulher que paga o aluguel da casa?

Sue Carol, mostrando-nos todas estas cartas, commentou.

— A unica resposta que geralmente dou, é sobre o problema dos filhos. Advirto-as, sempre, que tenham quantos filhos Deus lhes queira dar, mesmo que muitas dellas me queiram contar quanto lhes custam estes pequeninos seres. Mas quando me perguntam, algumas, sobre brigas conjugaes ou sobre divorcios, francamente, não respondo, não porque não queira: porque não sei...

Outras cousas interessantes, nessas cartas, é que muitas pequenas escrevem, indignadas, porque, innocente embóra, Sue figura como a terceira ponta de um triangulo eterno... Isto é: o noivo é apaixonado seu, sem que ella o saiba e

isso enfurece a noiva que pega na penna e escreve uma bôa duzia de desaforos á pobre e innocente Sue Carol...

— Eu te odiei, Sue! Confesso! Meu pequeno sempre me perguntava por você e sobre seus retratos e sobre suas fitas. Tive tanto ciume de você, Sue!!!

Esposas, então, escrevem que os maridos andam imposivseis. Achando que ellas se devem parecer com Sue Carol e usar vestidos **a la** Sue Carol e perfumes de Sue Carol, etc.. E' Sue para lá, Sue para cá e, assim, o que acontece é que as esposas perdem a paciencia e escrevem algumas malcreações á pobrezinha da Mrs. Nick Stuart...

Mas o que é que a moderna juventude americana quer? Sue Carol acha que não é liberdade sexual, nem previlegios feministas e nada lisso. Apenas isto: Ser feliz! Exactamente como as outras passadas e velhas gerações...

A tela em revista

(FIM)

não são fitas que o possam recommendar e nem, muitos menos, trabalhos seus que mais ainda conquistem publico para a sua fama não pequena. Mas **As Mulheres Amam os Brutos,** não foge á regra. E' melhor do que **O Poderoso** e do que **Lobo da Bolsa,** com certeza, mas e, ainda, uma fita relativamente fraca. O que a salva é uma luta esplendida que George Bancroft sustenta contra Stanley Fields e Ben Hendricks Jr.. Alem disso, apenas ha a beleza sublime de Mary Astor, apesar de toda sua voz de trovão, e uma ou outra scena feliz, como aquella em que elle comprehende o **porque** da razão della para não o acceitar como esposo. Fora disso, é mais uma fita falada, com letreiros sobre-postos, cheia de fidalgos e com pouca acção, dentro do formato photogenico de toda fita Americana e com uma direcção vulgar e apenas soffrivel de Rowland V. Lee. Nada mais ha a salientar.

George Bancroft, como sempre, bem. E' um magnifico artista e pena é que seja, agora, apenas approveitado em historias tão infantis para elle e sua enorme personalidade.

Elle é genuinamente do Cinema silencioso. Falando, annquila 50 % disso tudo. Mary Astor, perde parte da sua belleza com sua voz grossa. Frederic March, bem. David Durand, de **Innocentes de Paris.** e o filho de Bancroft e Freddie Frederick, o de Mary.

Claud Allister faz um alfaiate inglez que deve ser aquillo mesmo. Recommendamos para os apreciadores de Bancroft, mas... com as reservas citadas.

COTAÇÃO: — 6 postos.

Como complemento, *Maneira de Brincar,* short da Paramount com tres cacetissimas bailarinas. Um máo complemento de programma.

SUA CUTIS SE HA EMMURCHECIDO?

Ha mulheres que pensam que sómente aos dezesete annos é que podem exhibir uma cutis perfeita. Estão equivocadas. Muito tempo depois dos quarenta, toda dama póde ostentar, se o quizer, uma cutis tão formosa como a de uma joven de vinte annos. O que occorre é que á cuticula envelhecida exterior vae cada vez mais se adherindo á pelle,; é preciso fazel-a cahir d'ahi. Isto se logra facilmente applicando á cutis, todas as noites, Cera Mercolized. Essa substancia se encontra em toda pharmacia. Não deve ser olvidado que toda mulher possue debaixo da sua envelhecida cutis uma nova e formosa, que está á espera de ser trazida a superficie. E nisto consiste o segredo do "porquê" nunca envelhecem as actrizes e "estrellas" do cinema. Por que não faz tambem a prova?

Cinearte

Propriedade da Sociedade Anonyma "O Malho"

DIRECTORES
Mario Behring e Adhemar Gonzaga.

DIRECTOR-GERENTE
Antonio A. de Souza e Silva

ASSIGNATURAS

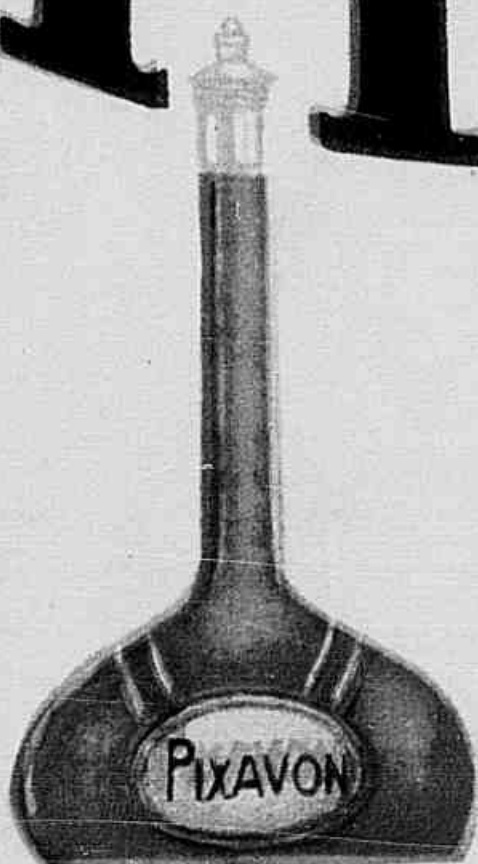
Brasil: 1 anno, 48$; 6 mezes, 25$;— Estrangeiro: 1 anno, 78$; 6 mezes 40$000.

As assignaturas começam sempre no dia 1 do mez em que forem acceitas annual ou semestralmente.

Toda a correspondencia, como toda a remessa de dinheiro (que póde ser feita em vale postal ou carta registrada, com valor declarado), deve ser dirigida á Sociedade Anonyma O MALHO—Travessa do Ouvidor, 21. Endereço Telegraphico: O MALHO — Rio. Telephones: Gerencia: 2-0518. Escriptorio: 2-1037. Officinas: 8-6247

EM S. PAULO:

Succursal dirigida pelo Dr. Plinio Cavalcanti — Rua Senador Feijó, n. 27 — 8º andar — Salas 86 e 87 — São Paulo.

Representante em Hollywood:
L. S. MARINHO

PIXAVON
Minha senhora,
a moda actual exige não só que se accentue a linha do corpo, mas tambem que se use os cabellos cortados "á la garçonne", innovação graciosa e original que completa harmoniosamente a silhueta.
Mas, para obter este conjuncto harmonioso, não basta cortar os cabellos, é necessario que se possua uma cabelleira farta, flexivel e brilhante.
Este alvo que tantas moças buscam em vão, V. Exa. poderá alcançar lavando seus cabellos, habitualmente, com PIXAVON, sabão liquido de alcatrão, conhecido e usado em todo mundo e que lhes dará a belleza, o brilho e a flexibilidade que permitte obter as encantadoras ondulações tão desejadas por todas as senhoras.
E' ao PIXAVON que as senhoras de hoje devem, em parte, as homenagens que lhes são rendidas, porque é elle que lhes completa a belleza e graça, dando-lhes uma cabelleira digna de ser apreciada e até invejada.
O PIXAVON é o unico no seu genero, e nenhum outro preparado de sabão liquido de alcatrão o substitue. Tanto para seu uso em casa como no cabellereiro, exija sempre a marca
PIXAVON.
O PIXAVON é vendido em vidros originaes, fechados.
PIXAVON
Offs Graph d'O MALHO